

BOA NOITE, CINDERELA
perigo invisível nas festas

FLAG FOOTBALL
bola oval também é coisa nossa

ILUSTRADORES OU IA?
traço do futuro em questão

Foto: Júlia Sabatin



Quando o muro vira arte e protesto

Elas ocupam a cidade com spray, cores e coragem, e transformam o grafite em voz, protesto e identidade

PUC
CAMPINAS

MELHOR 
UNIVERSIDADE
★ PRIVADA DO ESTADO DE SÃO PAULO ★

Referência em qualidade de
ensino e reputação acadêmica.



Latin America
University
Rankings 2024

Saiba mais em
www.puc-campinas.edu.br



Sob a pele da cidade

Esta edição nasce da pergunta: quem está pintando, rimando, jogando, vestindo e narrando a cidade hoje? Mostramos juventudes que ocupam muros, ruas, telas e memórias. Na capa, grafiteiras transformam concreto em manifesto, disputam espaço num meio masculino, negociam com o poder público, enfrentam preconceitos e seguem borrifando resistência.

A música surge em dois registros: um ping pong ágil a arte que nasce na periferia e um artigo em que hip-hop e sertanejo explicam desejos e contradições atuais.

Reabrimos o Club Penguin para pensar memórias digitais e amizades quando um mundo some do ar. Em Ciência contra o assédio, uma tecnologia da Unicamp sugere noites mais seguras, e o artigo sobre casamento infantil mostra a persistência do problema no ambiente doméstico.

No esporte, o flag football cresce em campos e praças, atrai mulheres, crianças e iniciantes e relativiza a ideia de contato pesado. Em moda e identidade, há moda pet como extensão estética, retorno gótico emo em novas camadas e trancistas que tecem pertencimento, ancestralidade e autoestima.

Na imagem, ilustradores narram medos e estratégias diante da inteligência artificial e, no audiovisual, contamos bastidores de quem filma com pouca verba e muita história. Fechamos com uma crônica de café e ônibus, convite a desacelerar, e com um chamado a percorrer estas páginas como quem cruza um grande muro grafitado, repleto de detalhes e surpresas.

Boa leitura!

REVISTA HÁNEXO - É uma revista bianual feita pelos alunos de jornalismo da PUC-Campinas no ano de 2025, que consta como prática para a disciplina Jornalismo de Revista e Design de Notícia orientados pelo professor Artur Araújo

CONSELHO EDITORIAL é formado pelos professores Aduino Molck, Artur Araújo, Ciça Toledo e Karla Ehrenberg

Edição número 22
Ano VII
Dezembro de 2025

Jornalista Responsável
Aduino Molck (MTB: 22.242)

QUEM FEZ...



A revista **Há Nexô** é uma publicação bianual feita pelos alunos da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas em 2025, como prática das disciplinas Jornalismo de Revista e Design de Notícia.

Conselho Editorial

Adauto Molck
 Ciça Toledo
 Artur Araújo
 Karla Ehrenberg

Projeto gráfico

Adauto Molck

Editora de textos

Isabela Ribeiro de Meletti

Editora de imagens

Maria Eduarda Ferreira

Reporteres & Fotógrafos

Amanda Gabriele de Assis Poiati
 Ana Beatriz Morales Galiano
 Beatriz Stevanatto
 Bianca de Oliveira Garutti
 Fayollah Jamilly de Souza
 Gabriela Moda Battaglini
 Isabela Ribeiro de Meletti
 Isabelle Layara M. Pereira
 João Gabriel Fernandes

Freire

Joao Victor Fortunato Barbieri
 Julia Sabatin do Carmo
 Larissa Idem Silva
 Leticia Teodosio Borges
 Lizandra Kelly de Lima
 Luis Felipe Morosi Gallo
 Luiza Pessopane
 Maria Eduarda Ferreira
 Maria Vitoria Soares Porto
 Murilo Pascale M. de Oliveira
 Yasmin de Souza da Costa

Contato

Faculdade de Jornalismo
dir.jornalismo@puc-campinas.edu.br

ONDE ESTÁ...

6

Joana Black domina o RAP campineiro

20 anos e a batalha pela memória digital

13

22

Ciência contra o assédio

Da universidade para as Olimpíadas

29

33

Afeto em forma de costura

Não foi só uma fase

38

46

Trancistas

Do lápis ao algoritmo

52

59

Cinema que pulsa fora do eixo

Cores por Nus e Aura

64

74

Falta muito para chegar?

Entrevista



“Eu enxergo política em tudo, então acabo tendo uma percepção muito crítica no cotidiano e coloco isso nas minhas letras”

JOANA BLACK

domina o RAP campineiro

Cantora e compositora ultrapassou os limites do bairro Jardim São Gabriel, onde nasceu, para os palcos da região e os ouvidos de todo o Brasil. Aos 20 anos transforma a ausência feminina na cena 019 em presença periférica e representatividade

Reportagem

Amanda Poiati
e João Freire

Redação

João Freire

Fotos

Amanda Poiati

A *tualmente eu sou a maior rapper feminina de Campinas. Falo isso com ego baixíssimo, diz rindo. Foi assim que Joana Black abriu a entrevista. Aos 20 anos, já é uma das maiores referências do rap campineiro.*

A rapper fala com a confiança de quem constrói espaço onde antes quase não havia voz feminina. Cheia de gírias, Joana se expressa com presença, assim como canta em um de seus versos: “Rica, cara e respeitada, gostosa, inteligente. Leio livros e conto malas. Sou a ref da tua ref.”

Ela traduz em rima o que vive, ser mulher, preta e dona de si em um cenário ainda dominado por homens. Com líricas potentes, transforma vivências em versos, do bairro São Gabriel para os palcos da região e os ouvidos de todo o Brasil, sempre mirando mais alto.

Entre rimas sobre superação, representatividade e política, Joana fala sobre o início da carreira, as referências que moldaram sua trajetória e o papel das mulheres no rap.

Confira a entrevista e conheça mais sobre a rapper referência.

Como era o rap em Campinas antes da sua chegada? O que mudou entre o momento em que você começou e o cenário atual?

É, eu acho que ele nunca foi uma coisa em alta em Campinas, na verdade.

Era mais inserido no meio underground mesmo. Eu via mais artistas de batalha de rima. Não tem nenhum nome emergente que seja mainstream.

Agora, eu tenho uma rede mais consolidada, né? Na verdade, uma base de fãs mais sólida e mais lançamentos. Então as pessoas estão me conhecendo. Eu tô ocupando espaços. Comecei a fazer show em São Paulo e hoje já faço muito mais do que antes.

Você acha que, conforme vai crescendo, está trazendo visibilidade para a cidade?

Com certeza. Até porque, por eu fazer muitos eventos aqui, as pessoas que me seguem, que são de outros lugares, veem que eu sou daqui, e a reação sempre é a mesma: “Ah, é a Joana que mora em Campinas”.

Como é saber que as pessoas de outros estados também estão ouvindo a sua música?

Cara, é muito da hora. Eu sou muito bem recebida em outras cidades, o público me adora lá. Com certeza, isso foi por causa das poesias e das batalhas de slam. Inclusive, eu fui convidada pra batalha regional mas não vou conseguir, mas acho isso muito da hora, porque a internet me fez chegar a lugares que eu não alcançaria se estivesse só em Campinas. Eu tenho muitos fãs, principalmente em São Paulo. No interior e na capital é onde eu sou mais conhecida.

É muito da hora. Eu fico lá no Spotify vendo os dados, e tá lá: São Paulo, Rio de Janeiro. Tipo, Campinas tá em sexto, se eu não me engano, sou bem mais ouvida em outros lugares.

Como você percebe a cena, sendo uma das vozes femininas em destaque?

No geral, eu acho que a cena ainda tem muito machismo, como sempre teve, mas está melhorando. Acho que é por

uma pressão, na verdade, os caras estão vendo que as minas dão dinheiro, dão visibilidade. Então eles se sentem pressionados a fazer com que tudo isso cresça.

O que significa ocupar os holofotes e, ao mesmo tempo, abrir espaço para outras mulheres?

Acho isso muito zica, tá ligado? É uma coisa que eu sempre quis: ser grande, ser reconhecida. Abrir portas é importante também, porque, você vê uma pessoa que é sua fã, do nada ela vira sua amiga, vira rapper também e cresce do seu lado.

Você sente a solidão de ser uma das poucas mulheres na cena? Existem poucas mulheres no rap ou falta abertura, receptividade e visibilidade para elas?

Não me sinto solitária, não. Tipo assim, realmente tem poucas minas, mas as que têm fazem uma coisa muito grande e muito importante. Mas com certeza ainda está faltando mais mulheres, sim. Tem mulher pra caramba que canta, eu recebo um monte de mensagem. Meu público é muito feminino, tanto nas redes sociais quanto no Spotify.

O que você gostaria que as próximas meninas rappers de Campinas encontrassem na cena que você não encontrou?

Em Campinas fazer evento é difícil. As pessoas não querem pagar o seu cachê, mesmo sabendo que você tem talento. Elas querem pagar só para quem já é conhecido, quem já tem números. Espero que as próximas recebam de acordo com o valor que merecem.

Qual foi o momento em que você percebeu que suas músicas não eram só suas, mas também de outras meninas pretas e periféricas?

Quando eu comecei a receber muita mensagem, a galera começou a gravar muitos vídeos com as minhas músicas, falando várias coisas. Virou trend no TikTok, trend no Twitter. As pessoas chegavam em mim falando: “Nossa, tua música pegou aqui, ó”.

Me sinto muito grata, tá ligado? Acho

“As pessoas estão me conhecendo. Eu tô ocupando espaços”



extremamente fofo receber mensagens de mães falando: “Ai, minha filha adora suas músicas”.

Esses dias a Mileny (campeã de slam em São Paulo) falou assim: “Ah, minha irmã mais nova adora suas músicas”. Eu conheci a irmã dela, ela tem 15 anos, e eu fiquei tipo: “Que da hora, eu não fazia ideia”.

Suas letras falam de resistência, retrocessos políticos e da visibilidade das vozes femininas periféricas. Como você conecta o pessoal e o político na sua música? Qual é a relação entre música, política e resistência nas suas composições?

Eu enxergo política em tudo, então acaba sendo uma junção muito fácil. Política pra mim já não é mais sobre nomes históricos e datas, é sobre aquilo que a gente veste, onde a gente tá e os amigos com quem a gente anda. É a minha realidade mesmo.

Eu comecei publicando e recitando poesias autorais na internet, que foi como eu fiquei conhecida.

Sempre falei muito sobre política, e isso fez com que eu fosse pra música já com um pensamento mais ideológico. Mesmo que às vezes eu esteja cantando uma coisa mais superficial, ainda vai ter ali um resquício de ideologia.

Suas músicas misturam crítica política e termos sexuais. O que te motivou a explorar esses contrastes?

Eu vi uma frase na internet: “O capitalismo tá me fudendo, tô fodida por causa do capitalismo”. Aí veio na hora a analogia entre política e putaria, e eu pensei em fazer porque era uma forma fácil de alcançar as pessoas que talvez não entendam tanto de política, mas entendem de putaria.

Naquela legenda que eu uso falando sobre a música Politicamente Falando, eu digo que ensino política usando funk, já que o funk é tão criminalizado. As pessoas acham que funk é só baixaria, e com essa música eu provo que pode ser outras coisas também.

Se tivesse que escolher uma imagem

ou cena do cotidiano de São Gabriel que resume sua poesia, qual seria?

A quadra da minha primeira escola. Foi o lugar onde eu sempre joguei e estive, até quando eu tava mal ou passando por alguma coisa. Meu sonho era ser jogadora de futebol antes de ser rapper. Então é o lugar em que eu mais tenho boas memórias do meu bairro.

Existe alguma contradição da sua vida que você acha que dá mais força pra sua arte?

O fato de eu ter desistido do meu maior sonho, que era o futebol, faz com que eu não tenha outra opção a não ser o rap. Se eu não conseguir assim, vai ter que ser assim mesmo, não tem outra opção. Eu me nego a ser CLT, por exemplo.

O que você espera conquistar nos próximos anos, pessoal e artisticamente?

Profissionalmente, eu quero de fato conseguir tudo aquilo que desejei, não só pelo dinheiro, mas pelo público que quis ter. Eu sempre recebi muitas mensagens e carinho, mas quero isso de forma mais direta, vinda de muitas pessoas. Até mais do que dinheiro. Nunca fui rica e hoje eu vivo fazendo música, o que eu acho muito da hora. Quero muito ter minha casa, meu carro, meu lugar, minhas conquistas.

Se pudesse mandar uma mensagem para Joana a de 13 anos, que sonhava com música, o que diria?

Mano, eu diria pra não ter tanta vergonha e confiar mais no processo. Parar de ter tanta pressa, porque as coisas, infelizmente, não acontecem de um dia pro outro. Queria tudo muito rápido e achava que ia dar tudo certo logo, mas não é assim que funciona. Só acalma o coração, porque quando você faz as coisas na pressa, não sai do jeito que tem que sair. Vai dar certo, espera e confia no processo.

Quando você escreve, sente que está mais conversando consigo mesma, com o público ou com a sua quebrada?

Depende muito do que eu tô escrevendo e do momento em que eu tô.

Tem momentos que eu penso: “Não,



agora eu vou escrever porque eu sinto que preciso escrever, faz tempo que não escrevo”, por exemplo. Mas tem hora que simplesmente tá acontecendo uma situação e eu falo: “Não, eu preciso escrever sobre isso aqui que tá acontecendo”. É mais comigo.

Quando eu vou lançar uma música, penso: “Essa música tem que ter uma es-

INSTAGRAM



Foto: Divulgação



da poesia?

Eu já pensei muito em fazer filme. Quero muito fazer um filme da minha vida, mas isso daqui a um bom tempo. Também quero escrever livros, quero um livro só de poesia e outro contando a minha história.

Você canta sobre autoestima, mas também sobre dores e conflitos. Como equilibra vulnerabilidade e potência?

Todo mundo tem uma parte sensível dentro de si e uma parte muito explosiva. Dizem que eu sou mais explosiva do que sensível, mas é porque as pessoas só veem o que tá aqui fora.

Quando eu tô escrevendo uma coisa mais profunda, dá pra ver que tem uma parte sensível ali, pego essa parte e misturo com a parte que já é mais explosiva.

Na música “Conversa com Deus”, você mostra um lado íntimo e espiritual. Essa faixa tem um lugar especial na sua trajetória?

Tem. Passei por uma época muito triste, costumava orar todas as noites começando com: “Deus, se você existe, por favor, me ouça”. Assim eu tive a ideia de escrever, então ela me pega num lugar muito desesperador e triste, mas é uma letra que eu acho muito linda.

É uma poesia que eu recito em quase todos os slams que eu vou, uma das minhas poesias mais bonitas e verdadeiras. Fala de coisas reais, como se eu estivesse só conversando com Deus, mas eu gravei de uma forma diferente do que pensava, por causa do meu produtor, o Gomes.

Em “Hino das Pretinhas”, você valoriza a autoestima e a beleza da mulher preta periférica. Como o público reagiu a essa canção?

Teve um bom retorno, principalmente de muitas mulheres pretas. Elas adoram essa música porque se sentem muito representadas.

É importante, principalmente para pessoas mais novas do que eu, se verem e criarem autoestima desde pequenas. Foi inspirada numa poesia minha de quando eu tinha uns 16 anos.

tética de empoderamento ou essa música vai conversar mais com o público do que apenas comigo”. É isso.

Suas músicas têm muito de poesia, performance e espiritualidade. Como você costura esses elementos na hora de compor? Você já pensou em explorar outras linguagens além do rap e

SPOTIFY





Lizandra Lima

Campinas, a grande metrópole do interior. Um município de contrastes, seja pela sua dimensão demográfica, com mais de um milhão de habitantes, ou por sua identidade musical, construída pelo berrante da indústria sertaneja e pela cultura do hip-hop que corre pelas ruas da terceira maior cidade de São Paulo. Esse cenário se evidencia na história da cidade, que gerou artistas tanto da cultura sertaneja quanto da urbana. Além disso, os números das paradas musicais, como os do Spotify em 2023, apontaram Campinas como a quarta cidade que mais ouve rap no Brasil, ficando atrás apenas de capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Em 2024, o sertanejo figurou entre os gêneros mais ouvidos por toda a cidade. Diante de tanto espaço, qual som se ouve? Ou melhor, quem é mais ouvido?

Completando 251 anos, Campinas tem palco, tem público, tem história. Mas nem todo mundo tem microfone. Na celebração do aniversário do município, neste ano, além da orquestra sinfônica e de uma dupla sertaneja, nenhum outro artista foi convidado, nem mesmo algum representante do hip-hop, gênero que, desde as décadas de 1980 e 1990, foi protagonizado por grupos como Visão de Rua e Sistema Negro, que marcaram época e o rap nacional. Hoje, apesar dos coletivos, das batalhas e de festivais como o “Campinas Hip-hop Festival”, a cultura ainda luta por reconhecimento institucional, evidenciado pelo desconvite em sua própria casa.

A cidade que impulsiona e faz parte dos 14,7 milhões de ouvintes mensais de Guilherme & Benuto, dupla sertaneja campineira atualmente consolidada como uma das mais ouvidas do Brasil, é a mesma que esquece Dina Di, pioneira do rap feminino nacional, nascida em Campinas e falecida em 2010.

Apesar de ter sido homenageada pelo Google em 2022, Dina Di permanece fora das menções públicas e da memória oficial da cidade, o que não faz jus ao seu legado. Sua obra atravessa temas como racismo, sexismo e violência urbana. Esse apagamento, porém, não é isolado e revela uma segregação histórica na forma como Campinas constrói sua identidade musical. Enquanto o sertanejo ocupa os palcos oficiais, os camarotes e os eventos comemorativos, há tensão na ocupação de espaços públicos pelo hip-hop.

A Batalha do Cálice, uma das mais tradicionais batalhas de rimas da cidade, foi interrompida pela Guarda Municipal em julho de 2024, mesmo com alvará emitido pela Secretaria de Cultura. Um agente ameaçou lançar uma granada de gás lacrimogêneo contra os jovens presentes, inclusive crianças. A justificativa oficial foi o volume do som, mas o episódio escancarou o preconceito estrutural contra manifestações culturais periféricas.

Em contrapartida, coletivos como o OMG Cultural, no Parque Oziel, têm promovido eventos gratuitos com artistas como Dexter, Tasha & Tracie e Kyan. Esses festivais, realizados dentro da comunidade por moradores, mostram que há público e produção cultural ativa fora dos circuitos oficiais. Podem ser espaços de arte, moda, memória e resistência que, quando recebem aporte financeiro, se tornam movimentos políticos, levando cultura a lugares geralmente esquecidos pelo poder público e movimentando a economia e o comércio locais.

É necessário mencionar as recentes comemorações e honrarias de título na cidade. Em março de 2025, a Unicamp entregou o título de Doutor Honoris Causa ao grupo Racionais MC's em cerimônia histórica. A homenagem inédita a um grupo musical foi proposta e organizada por professores e estudantes negros que hoje ocupam espaços acadêmicos da universidade.

Um ato simbólico aponta, assim, uma possível solução: políticas públicas que permitam a ocupação real e contínua dos espaços culturais. “A juventude negra acadêmica está fazendo a revolução”, disse Mano Brown no evento. Essa revolução precisa ser acompanhada de ações concretas que garantam visibilidade, financiamento e respeito. Campinas precisa escutar. Não apenas o que está nas playlists, mas o que a população, em toda sua integridade e localidade, necessita, pois a identidade sonora de uma cidade não se constrói apenas com algoritmos. Constrói-se com memória, presença e escuta, porque a disputa entre hip-hop e sertanejo não é sobre gosto musical: é sobre quem a cidade escolhe escutar e quem ela insiste em silenciar.



O que o invisível mostra



Nostalgia

20 anos e a batalha pela memória digital

Imagem gerada por IA



Encerrado pela Disney em 2017, o mundo gelado que formou uma geração sobrevive nas mãos dos próprios jogadores — um ato de preservação e rebeldia digital

Há vinte anos, uma ilha branca e azul surgiu no meio do oceano digital. Para milhões de crianças e adolescentes da Geração Z, aquele mundo coberto de neve, lançado em outubro de 2005, foi o primeiro passaporte para uma vida online. O Club Penguin não era apenas um jogo, foi um refúgio, uma escola de convivência e uma comunidade que ensinou a interagir, criar e

cuidar, mesmo à distância. Esse lugar, oficialmente, não existe mais. Em março de 2017, a Walt Disney Company, que havia adquirido o jogo em seu auge, desligou os servidores permanentemente. A ilha derreteu, os iglus foram esvaziados e os pinguins coloridos desapareceram em um vazio digital. Para a empresa, foi o fim do ciclo de um produto. Para os jogadores, foi a demolição de uma casa

Reportagem
Luis Gallo
Murilo Pascale

Redação
Luis Gallo

Fotos
Murilo Pascale

de infância.

Nas palavras de Edison Luis, um jogador que atravessou a infância e a adolescência conectado à ilha, o Club Penguin foi o jogo da vida dele. Sua rotina era baseada em pinguins, começando de manhã, antes da aula, e se estendendo até muito depois do jantar. “Eu chegava da escola respirando Club Penguin. E aí, eu respirava mais Club Penguin à tarde e à noite, e de manhã desenhava Club Penguin no caderno, não prestava atenção nas aulas... mas eu pensava no Club Penguin”. Para ele e tantos outros, a experiência ultrapassava a tela. No entanto, quase oito anos após seu encerramento oficial e às vésperas de seu vigésimo aniversário, o Club Penguin está surpreendentemente vivo. As bolas de neve ainda voam por aí, as festas temáticas ainda reúnem multidões e os puffles ainda precisam ser alimentados.

E isso não é história de Frankenstein. Tudo isso acontece em um universo paralelo, uma rede de servidores privados conhecidos pela sigla CPPS (ou Club Penguin Private Servers), construídos e mantidos por fãs. Em um desses servidores, o número de jogadores registrados ultrapassa 500 mil, uma quantidade que rivaliza com muitos jogos contemporâneos de sucesso na plataforma Steam, nos computadores. Este não é apenas o caso de um jogo antigo que se recusa a morrer. É um fenômeno cultural que vive na combinação da nostalgia, da preservação digital e de uma batalha sobre quem é o verdadeiro dono da nossa memória coletiva. Os jogadores, antes apenas habitantes de um mundo controlado por uma corporação, transformaram-se em arquitetos e curadores de sua própria herança digital. Eles não estão só jogando. Estão engajados e parti-

cipam ativamente de um ato de reconstrução cultural. A ilha não foi apenas salva, mas assumida por sua população.

ESCOLA DE CONVIVÊNCIA DIGITAL

Para entender por que uma geração inteira se mobilizaria para ressuscitar um jogo de quase duas décadas, é preciso voltar à internet de meados dos anos 2000. Era um território vasto e em grande parte não regulamentado, um lugar que causava apreensão em muitos pais e responsáveis. Foi nesse cenário que o Club Penguin surgiu como um porto seguro. O professor e desenvolvedor de jogos Luiz Carlos Jr. recorda que o selo da Disney foi um fator decisivo para seu sucesso inicial. “Era bacana, assim, porque, como ele era da Disney, tinha essa questão de os pais terem tranquilidade: o filho estava dentro de um ambiente seguro”, explica. Essa garantia de segurança, em uma época anterior às redes sociais como conhecemos hoje, era um diferencial considerável.

De maneira resumida, o Club Penguin era, como descreve Luiz Carlos Jr., um “chat visual com algumas atividades”. Mas essa aparente simplicidade escondia uma função pedagógica profunda: para muitos dos usuários, foi a primeira experiência com uma identidade online, a primeira vez que criaram um avatar, decoraram um espaço pessoal (o iglu) e sentiram na pele a interação social por meio da tecnologia. Além da diversão, o Club Penguin assumiu o papel de ambiente de aprendizado. A pesquisadora em Ciência da Informação Angélica Fermann, da USP, reforça essa visão, afirmando que, para a Geração Z, o jogo foi muito mais do que entretenimento. Era “um lugar de socialização, de aprendizado e também de afetividade”.

20 anos de Club Penguin

2005



O Club Penguin é lançado oficialmente em outubro pela New Horizon Interactive. Em uma era de internet pouco regulamentada, ele se torna um 'programa de alfabetização digital' para milhões de crianças.

2007



A The Walt Disney Company adquire o Club Penguin por US\$ 350 milhões. O jogo atinge seu 'auge de relevância cultural e comercial', ultrapassando 30 milhões de usuários e se consolidando como um fenômeno global.

2010



O jogo recebe aclamação da indústria, vencendo o prêmio BAFTA Children's Award na categoria 'Kids Vote' (escolha do público infantil). O prêmio valida seu impacto positivo e sua popularidade na Geração Z.

2014



No auge de sua popularidade (com 200 milhões de contas registradas em 2013), o jogo lança a 'Penguin Cup', um evento massivo celebrando a Copa do Mundo da FIFA no Brasil.

2017



A Disney desliga permanentemente os servidores oficiais do Club Penguin, um ato sentido pelos jogadores como a 'demolição de uma casa de infância'. O evento marca o fim da era oficial e catalisa a ascensão dos servidores privados (CPPS).

2020



O fim mundial do suporte ao Adobe Flash Player ameaça apagar o jogo. A comunidade de fãs supera a 'morte técnica', migrando os servidores privados para novas tecnologias como HTML5 e garantindo a sobrevivência do jogo.

2022



A Disney encerra o Club Penguin Rewritten, o servidor privado mais popular. O fechamento expõe o 'equilíbrio frágil' da preservação digital feita por fãs, que vive sob a ameaça legal constante.

2025



A comunidade de fãs celebra os 20 anos do lançamento original. O servidor privado Club Penguin Journey anuncia ter atingido 600 mil jogadores, provando a força da comunidade. É um marco que a criadora oficial não reconhece mais, simbolizando a 'transferência da guarda da memória do jogo' da corporação para os jogadores.

Enquanto outros mundos virtuais da época, como o Second Life (lançado em 2003), miravam um público adulto com uma economia interna complexa e ambições de replicar a vida real, o Club Penguin focava essencialmente nas crianças. Ele oferecia um ambiente com regras claras, moderação ativa e consequências para o descumprimento das normas. Esse modelo funcionou como uma espécie de laboratório com grades de proteção social. Os jogadores aprendiam sobre economia (ganhando moedas nos minijogos para comprar diversos itens), responsabilidade (cuidando de seus puffles) e cidadania comunitária (participando de eventos sazonais e missões coletivas).

Na prática, o Club Penguin serviu como um dos principais programas de alfabetização digital para milhões de jovens. Ele ensinou os princípios fundamentais de uma comunidade online, identidade, propriedade, etiqueta e colaboração antes da ascensão caótica e movida por algoritmos de plataformas como Facebook, Instagram e TikTok. Foi a "autoescola" para a internet, um espaço controlado onde se podia aprender a dirigir antes de enfrentar o tráfego do mundo digital. Essa educação, disfarçada de brincadeira, é uma das razões pelas quais a perda do jogo foi tão sentida e por que sua memória permanece tão potente.

NOSTALGIA OU NOVIDADE?

A ressurreição do Club Penguin não foi um ato de magia, mas de engenharia reversa e dedicação da comunidade. O processo técnico, embora complexo, pode ser simplificado. Luiz Carlos Jr. explica que os fãs não recriaram o jogo do zero. Em vez disso, eles desenvolveram um software que intercepta a comunicação entre o

Para Edison Luis, o Club Penguin é “infinito” e se mantém vivo graças à preservação digital da comunidade



cliente do jogo (o programa que roda no computador do usuário) e o servidor. Ao analisar os dados enviados e recebidos, eles conseguiram mapear os comandos e respostas. “Eles não recriam o jogo, o jogo é o mesmo; só precisam criar um servidor que engane o jogo, fazendo-o achar que está conectado com o servidor oficial”, detalha. É um “trabalho grande”, mas viável para jogos mais antigos que, como o Club Penguin, não utilizavam criptografia pesada, tornando a comunicação mais fácil de decifrar.

Se o “como” tem a ver com a parte mais técnica, o “porquê” é uma questão de carinho e é muito mais complexo. Edison Luis, que viveu tanto o jogo original quanto os servidores privados, traz uma visão diversificada das motivações da comunidade. Ele a

descreve como “dividida meio a meio”. De um lado, estão aqueles movidos pelo “fator nostalgia”. Esses jogadores, muitos dos quais começaram em 2005, buscam “resgatar aqueles momentos e reviver o sentimento em conjunto”, tentando reviver momentos de uma infância digital que foi interrompida.

Do outro lado, há uma porção igualmente grande, da qual Edison se considera parte, movida pelo “fator novidade”. Para eles, a preservação não é suficiente, a criação é o objetivo. “Eu não queria a mesma coisa outra vez, eu queria puras novidades. Coisas que eu jamais vi, jamais imaginei que houvesse no jogo. Isso me deixava feliz”, afirma. Esses jogadores aguardam festas inéditas, itens totalmente novos e missões que a Disney nunca desenvolveu.

Os administradores dos servidores privados, que também são fãs, atendem a essa demanda, agindo como desenvolvedores de fato e expandindo o universo do jogo para além de seus limites originais.

Angélica Fermann enquadra esse cenário em um contexto acadêmico, descrevendo o movimento como “uma resposta emocional e cultural à perda de um lugar de infância digital”. Para ela, os fãs estão ativamente transformando “a nostalgia em uma ação preservacionista”. Essa ação, no entanto, não tem como objetivo criar um museu estático. As divergências entre os que querem preservar o passado com fidelidade e os que querem usá-lo como base para criar um novo futuro são o que mantém a cultura do Club Penguin viva.

Essa dinâmica retrata o funcionamento de qualquer cultura popular viva, seja o folclore, a tradição oral ou a culinária regional. Existe uma “base” original (as canções antigas, as histórias dos ancestrais, as receitas da avó...), mas o que as mantém vivas é a sua constante adaptação pela comunidade. Os debates nos fóruns e servidores de Discord sobre qual momento do jogo replicar ou qual novo evento criar não são apenas discussões de fãs. São negociações sobre a identidade e o futuro de sua própria história compartilhada. O Club Penguin dos fãs não é uma relíquia congelada no tempo. É uma tradição viva, uma espécie de “folclore digital” em ação.

DILEMA DA PROPRIEDADE

A existência dos servidores privados coloca em colisão duas perspectivas, o direito do público à memória cultural e o direito de uma empresa sobre sua propriedade intelectual. É uma batalha legal e ética em que as linhas são

mal definidas e as respostas muitas vezes são insatisfatórias.

Do ponto de vista da preservação, o argumento é forte. Angélica Fermann explica essa perspectiva como um conflito de valores. “De um lado a gente tem a necessidade de respeitar o direito autoral e o controle das marcas. De outro, há um valor social e cultural que vai transcender a lógica do copyright”. Quando uma empresa abandona um produto culturalmente significativo, a comunidade que o ama tem o direito, que, para alguns, se torna o dever, de salvá-lo do esquecimento. Nessa brecha, os fãs assumem um papel que, em outros contextos, caberia a arquivos e museus. A preservação, nesse caso, pode ser vista como um ato de cidadania.

A perspectiva do lado corporativo, no entanto, é igualmente compreensível. Luiz Carlos Jr. destaca o enorme investimento que empresas como a Disney fazem. “Eles pagaram para desenvolver tudo, eles criaram toda a arte. A programação teve um custo ali de propaganda, de marketing. O marketing é mais caro do que o próprio fazer o jogo”, lembra. Além do prejuízo financeiro, há um risco de marca, o Club Penguin original era sinônimo de segurança infantil. O que acontece se um incidente grave, como um caso de abuso ou exposição a conteúdo impróprio, ocorrer em um servidor não oficial? “Se dá algum problema nesse jogo... vai espirrar na Disney”, adverte Luiz Carlos Jr.. Mesmo que a empresa não tenha controle, sua marca estará para sempre ligada ao produto, e o dano à reputação também.

Situações como essa não são exclusivas do Club Penguin. Um dos casos de maior notoriedade é o de World of Warcraft. Por anos, a desenvolvedora Blizzard Entertainment combateu servi-

Antigo
aplicativo
do Club Penguin
para dispositivos
móveis



No Club Penguin
Journey, milhares
de jogadores
passam pelos
servidores
diariamente

Os administradores
do Club Penguin
Journey replicam
eventos sazonais do
jogo original



Personagens
do jogo seguem
fiéis à versão
que foi casa
de milhões de
pinguins

dores privados que rodavam versões antigas do jogo, conhecidas como “vanilla”. A demanda era tão grande que, eventualmente, a empresa acabou cedendo. No entanto, a solução não foi uma parceria, mas uma espécie de “ultimato”, a Blizzard lançou sua própria versão oficial, WoW Classic, e, segundo Luiz Carlos Jr., deu um alerta aos criadores dos servidores de fãs, “ou você vende para nós ou vocês vão ter que fechar”. O resultado foi uma vitória para os jogadores que queriam a experiência clássica, mas nos termos estabelecidos pela empresa.

No caso do Club Penguin, a Disney adotou uma abordagem diferente, uma aparente indiferença. Luiz Carlos Jr. expressa sua surpresa, “Não sei como que a Disney não fechou tudo”. Ele acredita que talvez a empresa tenha concluído que a “dor de cabeça que vai atrás disso não vale a pena”. Essa inação, no entanto, dificilmente é acidental. Para uma empresa que é conhecida protetora de sua propriedade intelectual, não agir é uma escolha estratégica. Um processo judicial contra uma comunidade de fãs dedicada a preservar uma memória de infância seria um desastre de relações públicas, atacando exatamente o público que a empresa teria que cativar.

Desse modo, surge um equilíbrio frágil e instável, os servidores privados existem não por direito, mas por uma espécie de tolerância da Disney, que calcula o risco de imagem que isso poderia ou não causar. Essa é a realidade em um mundo em que a maior parte da nossa cultura digital é propriedade de corporações. A memória sobrevive, mas sob a ameaça de que, a qualquer momento, tudo pode desaparecer.

CIDADANIA INFORMACIONAL

A memória digital, por mais

real que seja, muitas vezes anseia por um apoio no mundo físico. Para Edison, essa base veio na forma de puffles de pelúcia, livros e revistas. Crescendo em uma cidade pequena, ter acesso a produtos oficiais do Club Penguin era um sonho distante. “Pra mim, era algo impossível, porque eu sempre morei em cidade pequena, então não tinha nada, e ninguém da minha família considerava qualquer compra pela internet”, conta. Anos depois, já adulto, a possibilidade de finalmente comprar esses objetos tornou-se uma forma de materializar as lembranças. Comprar seu primeiro puffle de pelúcia em 2018 foi uma “experiência muito realizadora”, segundo ele.

Esses objetos são mais do que simples mercadorias, são pedaços de uma memória afetiva carregados de significado. O simples ato, de acordo com Edison, de “bater o olho e falar ‘caramba, Club Penguin’” é a prova de que a ilha, para muitos, nunca foi apenas um passatempo. “Eu já vi até tatuagem de Club Penguin, as pessoas mostram e eu acho isso fenomenal... as pessoas gostam tanto do jogo que colocaram no corpo delas, isso é demais”, relata.

Essa necessidade de preservar, seja na pele, na estante ou em um servidor, aponta para uma transformação mais ampla na forma como lidamos com a cultura. Angélica Fermann argumenta que estamos presenciando uma “mudança de paradigma”. A responsabilidade pela preservação da memória deixou de ser tarefa apenas de instituições formais. “O conhecimento e a memória deixaram de ser monopólio das instituições e passaram a ser coproduzidos pela sociedade civil”, afirma. Os jogadores do Club Penguin, talvez sem perceber, tornaram-se “agentes da preservação da cultura digital”,



Para a Geração Z, o Club Penguin foi um “porto seguro” e a porta de entrada para a vida online (Imagem gerada por IA)

demonstrando que a memória hoje é “colaborativa, viva e distribuída”. Este é o centro do que ela chama de “cidadania informacional”, um papel ativo na preservação de nossa herança digital compartilhada.

A sobrevivência do Club Penguin é, portanto, mais do que uma história sobre um jogo online. É quase um “estudo de caso” sobre a utilização do meio digital para preservar uma memória. O problema dos “abandonwares”, que são softwares e jogos cujos detentores de direitos autorais não existem mais ou não oferecem mais suporte, é apenas a ponta do iceberg. Hoje falamos do Club Penguin, mas o que acontecerá quando mundos virtuais mais complexos e integrados, como Fortnite ou Roblox, forem eventualmente descontinuados? Os desafios técnicos e

legais certamente tomarão proporções ainda maiores.

A comunidade do Club Penguin, com sua mistura de técnica, paixão, nostalgia e espírito criativo, está, sem querer, liderando os esforços éticos, legais e sociais que as futuras gerações precisarão para evitar o apagamento de suas próprias culturas digitais. No final, uma das declarações de Edison, registrada em um dos rascunhos iniciais para essa matéria, ganha um novo peso, “O Club Penguin é infinito”. E ele é infinito não por causa de seu código-fonte ou da “empatia” de seus antigos donos, mas sim porque uma comunidade decidiu que seu valor cultural supera seu valor comercial. A ilha persiste não nos servidores da Disney, mas na memória coletiva e nas ações contínuas de seus verdadeiros “pinguins”.





CURSOS DE ATUALIZAÇÃO

INSCRIÇÕES ABERTAS

15% DE DESCONTO

PARA ALUNOS,
EX-ALUNOS
E CONVÊNIO

ÁREAS DE CONHECIMENTO

- Ciências Exatas/Tecnologias
- Ciências da Vida/Saúde
- Ciências Humanas
- Economia e Administração
- Linguagem e Comunicação



Informações e inscrições:
puc-campinas.edu.br/extensao



@extensaopuccampinas

Contato:

E-mail: cce@puc-campinas.edu.br

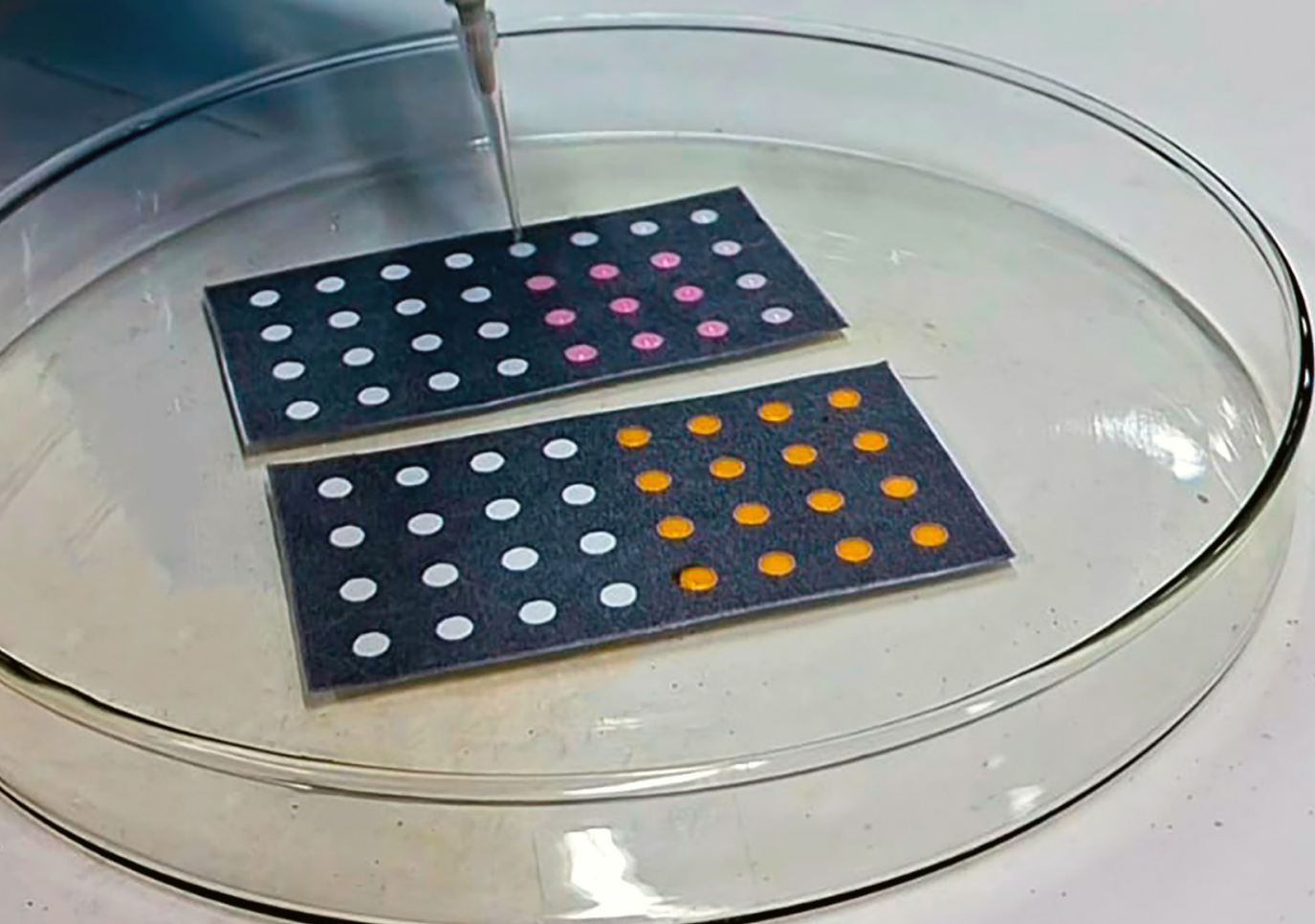
Telefone: (19) 3343-7663



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Proteção

Ciência contra o ASSEDIÓ



Pesquisadores desenvolvem biossensores capazes de detectar drogas em bebidas e ajudar na prevenção de crimes em bares e baladas

Reportagem

Larissa Idem
Yasmin Souza

Redação

Yasmin Souza

Fotos

Larissa Idem

Antes mesmo de o primeiro copo ser servido, a noite já pode ficar perigosa. Flávia Silva, motorista de aplicativo há cinco anos em Campinas, relata que já levou passageiras que desconfiaram de ofertas de bebida no caminho para a festa e precisaram de ajuda. Ela descreve cenas de choro, confusão e medo, muitas vezes antes de chegar ao evento. A percepção de insegurança começa no deslocamento e acompanha toda a experiência de lazer. Na avaliação dela, ter um teste simples para checar a bebida daria mais controle às pessoas e poderia evitar situações de risco.

Seria apenas mais uma noite de lazer, um copo na mão, música e amigos por perto, sem sustos. No entanto, a prática conhecida como Boa Noite, Cinderela mostra como a vulnerabilidade pode se esconder em um simples gole. Em outubro de 2025, uma operação em Campinas resultou na apreensão de quase 15 mil garrafas adulteradas em um centro clandestino no bairro Cidade Singer I, e cinco suspeitos foram detidos, o que indica que o perigo não está apenas em um copo mal vigiado, e sim na cadeia de fornecimento e na fiscalização.

Dentro dos laboratórios da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), uma equipe trabalha para transformar conhecimento em proteção. “Nosso objetivo é criar dispositivos capazes de identificar substâncias químicas em diferentes contextos, da saúde à investigação criminal”, explica o professor Willian Reis de Araújo, coordenador do Laboratório de Sensores Clínicos Portáteis. A lógica é simples: um material sensível entra em contato com a bebida

e reage caso haja substâncias ilícitas. A reação, lida por aplicativo ou visualmente, gera um resultado rápido. “A ideia é que o biossensor funcione de maneira parecida com um teste de gravidez. Algo simples, portátil, que qualquer pessoa possa usar em uma balada ou bar para verificar se a bebida foi adulterada”, afirma Araújo.

SENSOR DE PAPEL

Nathália Mestanza, mestranda e autora do estudo sobre o sensor para “Boa Noite, Cinderela”, detalha o funcionamento em linguagem direta. “É um sensor baseado em papel, então ele é algo muito semelhante às fitas de pH que a gente geralmente tem no laboratório. O meu sensor é quase a mesma coisa. Ele é inicialmente rosa e, a depender da presença da droga, ele fica com uma coloração meio roxa, a depender da concentração que o analito tem na solução. Então, ele serviria mais como realmente a fita de pH. É só você pegar o sensor, inserir na bebida e aí você vai notar a mudança de cor. Ele é impresso em cera para que a gente concentre a bebida dentro de uma bolinha”.

Sobre o alvo químico do teste, ela explica: “No nosso sensor, a gente trabalha com benzodiazepínicos. São utilizados para tratamento de ansiedade, de depressão e que muitas vezes são utilizados para fins criminosos, que são os famosos crimes facilitados por droga”. Ela cita ainda que o golpe pode envolver outras substâncias, como cetamina e até medicamentos de fácil acesso, e que seu projeto aborda uma parte desse universo.

O trabalho está em fase inicial, com



“Eu posso ajudar pessoas, eu posso impedir que uma pessoa beba algo adulterado”

Nathália Mestanza

ensaios controlados em bebidas adquiridas no comércio. “A gente só trabalha com amostras simuladas, eu mesma adultero as bebidas com uma quantidade conhecida e aí eu testo para saber se através da cor eu consigo chegar na concentração que era esperada”. Para garantir confiabilidade, o grupo faz curvas analíticas, testes de reprodutibilidade e estuda fatores que podem afetar a leitura. “A gente faz uma análise minuciosa de todo o processo. Até quantos dias ele aguentaria ficar numa prateleira, por exemplo. Tudo isso para não interferir na resposta, para que a resposta seja sempre um verdadeiro positivo e não um falso positivo ou até mesmo um falso negativo”.

Ela descreve ainda que, para a fabricação do sensor, são utilizados reagentes com tiocianato de cobalto, papel e cera. “Eu realizei um cálculo já de quanto sairia cada um desses sensores, e para um pacotinho com 10 sensores desses, o valor de mercado sairia por menos de 50 centavos. Então são materiais extremamente baratos e fáceis de se reproduzir”.

Os desafios, segundo Nathália, passam pela diversidade de drogas e pela obtenção de padrões e amostras reais. Há colaborações em andamento. “Nós temos sim colaboração com outros grupos de pesquisa. A gente tá trabalhando com o pessoal da Universidade de Brasília, com o professor Wendel Coutinho e com a presença do perito criminal Leandro”. Ela projeta ampliar a paleta de reações para criar uma espécie de “impressão digital” de cores: “Ter várias respostas colorimétricas e, a partir disso, você tem como se fosse um padrão, uma impressão digital de cada substância”.

A motivação é explícita. “O que me deixa apaixonada pelo meu trabalho é o fato do meu objeto de trabalho ser muito aplicável, ele ter uma aplicação muito forte. Eu posso ajudar pessoas, eu posso impedir que uma pessoa beba algo adulterado e ela chega em casa bem”.

SETOR NOTURNO

Do outro lado do balcão, Felipe Concon, dono da Love Haus, fala em responsabilidade e protocolos. “Olha, para ser

sincero, gente ruim tem em todo lugar. Seja num restaurante, num bar, numa balada, em todo lugar isso é possível de acontecer. Mas sim, são uma preocupação em todos os âmbitos”.

Ele descreve ações de cuidado: “Eu tô sempre de olho em todo mundo que tá nos eventos, independentemente deles serem grandes ou pequenos. A gente coloca avisos de apoio, coloca um drink com um nome específico que não tem no cardápio para a pessoa pedir quando ela se sente acuada de alguma forma. Acho que o principal cuidado é com os clientes, sabe? A gente tem todos esses avisos espalhados pela casa”.

Felipe lembra um episódio antigo: “Eu já tive um caso parecido há mais de 12 anos, eu vi uma cliente que era frequente no espaço e, de repente ela, até o final da noite, já estava falando muito mole, e bem alterada. A gente não a deixou ir embora com o rapaz”. Para ele, a responsabilidade do negócio é inegociável: “Cara, eu acho que a gente é extremamente responsável pelas pessoas que a gente coloca dentro da nossa casa. A gente tem sempre que prezar pelo conforto e segurança e principalmente do público feminino”.

Sobre adotar um sensor nas festas, ele é pragmático. “Eu acho ótimo. Não sei o quão viável isso é economicamente, mas acho que sim. Se você tá saindo com uma pessoa desconhecida, todo cuidado é pouco”. E complementa sobre prevenção: “O básico é não comprar bebida adulterada e verificar a procedência. Se os bares optassem sempre por comprar de lugares sérios, esse tipo de coisa não aconteceria”.

Ele também comenta sobre percepção de risco. “Eu acho que as pessoas têm sim consciência dos riscos, mas quando você tá numa festa, as pessoas se esquecem que existe gente ruim nesse mundo. Então, não é o tipo de coisa que se fala, acaba sendo o assunto só quando acontece”.

A passagem do protótipo à prática exige calibrar o sensor para diferentes substâncias, validar com peritos e evitar leituras equivocadas. Willian resume a prioridade científica: precisão, repeti-

Felipe Concon,
dono da balada
Love Haus, reforça
a responsabilidade
das casas noturnas
na proteção do
público





Equipe do Laboratório de Sensores Clínicos Portáteis desenvolve tecnologias para identificar adulterações em bebidas

bilidade e aplicabilidade. A equipe trabalha para que o uso seja simples e que as leituras por imagem reduzam a subjetividade, inclusive considerando variações de câmera e iluminação apontadas por Nathália em seus testes.

Ainda há caminho até o produto chegar às prateleiras, mas as etapas estão mapeadas: ampliar o escopo de substâncias, testar em matrizes diversas, validar com amostras reais e consolidar parcerias. Nathália acredita no uso fora do laboratório e já ensaia outras abordagens, como sensores por fluorescência para cenários de luz negra.

A cada gota analisada, a ciência busca devolver às pessoas um pedaço de tranquilidade. Entre informação, protocolos e tecnologia, a meta é que não se escondam os riscos.

SOBRE O METANOL

A recente crise de bebidas adul-

teradas com metanol abriu outro ponto de preocupação. Nathália vê possibilidade concreta de adaptação tecnológica.

“Com certeza daria para adaptar essa tecnologia para os casos de bebida adulterada com metanol, inclusive já foi feito, já foi realizado por um grupo da Universidade Federal da Paraíba em conjunto com a Federal do Amazonas. Eles realizaram um trabalho de um método colorimétrico a partir de imagens digitais para determinar metanol em bebidas alcoólicas. Com metanol, forma-se um composto púrpura; na ausência, marrom.. Seria muito interessante fazer adaptação dele para o papel”.

A perspectiva amplia o impacto social do projeto: além de detectar drogas usadas em golpes, sensores colorimétricos em papel podem, no futuro, integrar rotinas de fiscalização e auto-checagem de contaminação por metanol em bebidas.





As noivas invisíveis

Os nomes, as cenas e os personagens aqui descritos são ficcionais, mas inspiram-se em centenas de histórias reais documentadas por pesquisas acadêmicas, entidades que monitoram violações de direitos e organizações da sociedade civil. Ainda que não tenham rosto, essas histórias existem e vivem entre nós.

A princesa Margarida ainda segurava uma boneca quando colocaram um anel em seu dedo. A igreja estava cheia, iluminada por velas e decorada com flores que levavam seu nome. Os sorrisos eram apressados, como se todos quisessem sair logo dali, mas sem admitir. Realizou-se um casamento na igreja que todos sempre frequentaram, o que representava o sonho de todo pai.

Tudo seria lindo, se a noiva não tivesse catorze anos. O noivo, porém, tinha cabelos mais grisalhos do que os do pai de Margarida e um rosto coberto de rugas, que ganharia da madrastra da garota em uma competição de pés de galinha.

Margarida não vive em um reino distante. Ela mora no interior brasileiro e sempre foi chamada de “princesa do papai”, um título que acreditava significar proteção. No entanto, naquele dia, era o próprio pai quem a levava ao altar.

Casamentos como o dela não aparecem nas colunas sociais. Eles estão escondidos entre estatísticas que raramente viram manchete, segundo dados do Registro Civil utilizados pelo IBGE. Mais do que um número, trata-se de uma infância sequestrada.

Essas meninas se tornam esposas, mães e donas de casa. Elas aprendem cedo a cuidar dos outros e se esquecem de si mesmas.

Vera veio de uma família periférica. Ela vendia salgados na rua para ajudar nas despesas. Filha de mãe solo, aprendeu no lar mais sobre sobrevivência do que sobre sonhos. Quando apareceu um namorado que trazia flores e a levou para comer pizza pela primeira vez, acreditou ter encontrado uma saída. Logo vieram o perfume novo, as promessas e o pedido de casamento.

Estudos da UNFPA e do IBGE mostram que a pobreza está entre os principais fatores do casamento infantil. Meninas de famílias com menor renda e escolaridade, especialmente em áreas rurais, têm maior probabilidade de se casar cedo. Nos estados mais pobres, as taxas aumentam significativamente.

A lei civil proíbe o casamento antes dos dezesseis anos e permite o matrimônio a partir dessa idade apenas com autorização dos pais ou responsáveis, ou com suprimento judicial, conforme o artigo 1.517 do Código Civil. A antiga exceção do artigo 1.520, que autorizava o casamento em situações “excepcionais”, foi revogada pela Lei nº 13.811, de 12 de março de 2019, que passou a vedar qualquer casamento antes dos dezesseis anos. Já o artigo 217-A do Código Penal estabelece proteção integral a adolescentes de quatorze anos ou menos, com presunção ab-

solta de vulnerabilidade em qualquer ato sexual.

Apesar disso, em muitas regiões do país, o casamento infantojuvenil ainda é visto como um costume. A cerimônia é celebrada como um ato de amor, e o noivo aparece como um salvador que promete tirar a menina da pobreza.

Na tradicional família brasileira, o ideal de casamento ainda se apresenta do mesmo modo: o homem provê, a mulher cuida e os filhos obedecem. Desde cedo, as meninas aprendem que seu papel é ser esposa e mãe, submissa ao marido, uma lição que, a longo prazo, mostra seus efeitos mais trágicos.

Rita tinha quinze anos quando se casou. Faltava estrutura familiar e incentivo, e sobrava pressa. Ao conhecer um homem que prometia uma vida diferente, ela não pensou duas vezes. “Casei certinho, na igreja e tudo”, conta Rita. Assim como ela, outras meninas passam pela bênção religiosa e pela promessa de que



apenas a morte as separará do marido. Para muitas, é exatamente isso o que acontece: elas se separam apenas após a morte. No Brasil, quatro mulheres são vítimas de feminicídio por dia, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Casos como os de Margarida, Vera e Rita se repetem diariamente no país,

que ocupa posição de destaque negativo em números absolutos de casamentos infantojuvenis. Eles não são contos antigos nem histórias que os avós relembram em um almoço de domingo. São notícias silenciosas, escondidas na rotina.

O marido de Vera foi gentil, mas, com o tempo, mudou. Ele ajudou financeiramente a família dela e apoiou a gravidez “decidida pelos dois”, mas decretada por ele. Depois que a filha nasceu, começou a disputar com o bebê a atenção da esposa.

O ciúme virou grito. O grito virou humilhação. E Vera se tornou mais uma entre tantas mulheres que descobrem que o altar também pode ser uma armadilha.

Um relatório do Ministério Público do Mato Grosso mostra que meninas que se casam antes dos dezoito anos têm 22% mais chances de sofrer violência do parceiro. Os números condenam o casamento precoce, mas parte da cultura brasileira ainda insiste em chamá-lo de tradição.

No país em que o valor da família é lei, o amor ainda é usado como ferramenta de controle das mulheres.



Os Eucalyptos fortalecem o *flag football* e consolidam a universidade como um dos principais polos da modalidade. O time acompanha o avanço do esporte que ganha novo impulso após a inclusão nos Jogos de Los Angeles 2028



Da universidade para as
Olimpíadas

No início da noite, quando o sol já descansa sob os prédios da Unicamp e a universidade começa a mudar de ritmo, há sempre um lugar onde o tempo parece acelerar. É o campo dos Eucalyptos, onde bandeiras coloridas balançam na cintura dos atletas, o gramado se torna tabuleiro e as vozes do time traçam o enredo do treino. De longe, lembra futebol americano e de perto, revela outra história: o flag football.

Quando o Comitê Olímpico Internacional anunciou, em 2023, a entrada do flag nas Olimpíadas de Los Angeles, em 2028, as reações foram desiguais.. Parte do público vibrou, parte questionou. Como assim um “futebol americano sem contato” ganharia o palco mais prestigiado do esporte mundial? No entanto, para quem vive o esporte, o anúncio não foi surpresa, foi consequência.

Porque o flag é, talvez, o esporte mais adaptado ao mundo contemporâneo: dinâmico, inclusivo, estratégico, coletivo e, acima de tudo, capaz de criar comunidade.

NASCIDO DA NECESSIDADE

O flag football não surgiu por moda, e sim por urgência. Durante a Segunda Guerra Mundial, bases militares norte-americanas precisavam de atividades esportivas que evitassem lesões graves entre os soldados. A solução encontrada foi uma versão mais segura do futebol americano, em que a ação de derrubar o adversário foi substituída por algo mais simples: arrancar uma bandeira presa à cintura do oponente.

O conceito era tão racional quanto brilhante. A modalidade se espalhou rapidamente por escolas, colégios e parques dos Estados Unidos. Com o tempo, ganhou ligas organizadas, padronização de regras e, finalmente, chancela da IFAF (Federação Internacional de Futebol Americano). Hoje, é pra-

ticado em mais de 100 países e se tornou um dos esportes que mais crescem no mundo.

A inclusão olímpica apenas coroou um movimento que já estava em marcha. Mas é nas universidades, especialmente no Brasil, que esse crescimento ganha feição mais humana.

O LABORATÓRIO

Os Eucalyptos surgiram como muitos times universitários: improvisado, paixão e voluntarismo. Mas cresceram como poucos. Em 6 anos de trabalho, o técnico Ricardo Dias fez do time uma espécie de incubadora esportiva e social. Há rigor tático, sim. Há treinos exaustivos, claro. Mas há também aquilo que define um coletivo em expansão: a sensação de construir algo que ainda não existe plenamente no país.

“Poucas pessoas sabem que o flag existe no Brasil. Isso pesa”, diz Ricardo, com a serenidade de quem vive o esporte no cotidiano. “Mas, quando a notícia das Olimpíadas chegou, tudo virou. Jogadores de outras modalidades começaram a procurar treinos. Eles entenderam que o flag é oportunidade”.

O reconhecimento olímpico não apenas abriu portas, ele criou expectativa. Hoje, os Eucalyptos treinam com a convicção de que fazem parte de uma geração que pode inaugurar o capítulo olímpico do flag brasileiro. E parte dessa convicção está nos protagonistas.

MOVIMENTO DE CAMPINAS

Gabriel Bernardes, o defensor que aprendeu a ver o campo com o mapa. Aos 21 anos, cursando engenharia, Gabriel poderia ter escolhido esportes mais tradicionais do ambiente universitário. Mas encontrou no flag um tipo raro de desafio: “É um esporte que exige leitura constante. Defesa é cálculo, cada passo errado vira ponto do adversário”.

Ele entrou no time pela curiosidade, ficou pela inteligência do jogo

Reportagem

Ana Beatriz Morales
Júlia Sabatin

Redação

Ana Beatriz Morales

Fotos

Júlia Sabatin



e se firmou pela paixão. Gabriel é um defensor que pensa rápido, reage rápido e enxerga as rotas adversárias como quem resolve equações. No flag, encontrou algo que nenhuma outra modalidade oferecia: “Aqui, você tem que se reinventar a cada jogada”.

SELEÇÃO BRASILEIRA

A seleção brasileira de flag começou a se firmar no cenário internacional. Um dos nomes dessa fase é Felipe Aymoré, defensor da Seleção Brasileira, que acompanha de perto o crescimento da modalidade.

Desde 2023, Felipe está na Seleção Brasileira, já representou o país em competições como o Mundial de Flag Football na Finlândia, em 2024, e o Intercontinental das Américas, no Panamá. Em 2025 o torneio garantiu ao Brasil uma vaga no próximo Mundial, na Alemanha. “Ser convocado é sempre uma surpresa e um

orgulho enorme. Quando recebi o primeiro uniforme, com o ‘Brasil’ estampado no peito, entendi o peso de representar um país”, lembra.

Atualmente, o Brasil ocupa a 17ª colocação no ranking mundial da IFAF (Federação Internacional de Futebol Americano) e busca melhorar sua posição para se aproximar do sonho olímpico. “Ainda não sabemos como será o processo de classificação para Los Angeles 2028, mas cada campeonato é uma chance de subir no ranking e mostrar evolução”, explica o jogador.

O reconhecimento do flag como esporte olímpico impulsionou o desenvolvimento da modalidade e trouxe novos olhares. “Nos últimos anos, o esporte cresceu muito. Vieram patrocínios, campeonatos mais estruturados e uma visibilidade que a gente nunca teve. Mesmo quem não vai às Olimpíadas torce pelo sucesso do

Os Eucalyptos surgiram como muitos times universitários: improvisado, paixão e voluntarismo. Mas cresceram como poucos

flag. O importante é ver o esporte crescer”, afirma Felipe.

Com treinos intensos e um calendário cada vez mais competitivo, a Seleção Brasileira se prepara para encarar os principais adversários do continente, entre eles México, Canadá e Panamá. Aymoré acredita que o momento é de construção. “O flag ainda é jovem no Brasil, mas tem futuro. É um jogo técnico, dinâmico e envolvente. Cada jogada exige concentração e leitura.

DIFERENÇA

Apesar de compartilharem o mesmo espírito de agilidade e estratégia, o flag jogado nas universidades brasileiras é diferente da versão que será disputada nos Jogos Olímpicos. Nas ligas universitárias, as partidas acontecem no formato 8x8, com mais jogadores em campo e campos um pouco maiores, o que torna o jogo mais tático e coletivo. Já o flag olímpico segue as regras internacionais da IFAF, amplamente difundidas pela NFL, com equipes 5x5, em ritmo acelerado e voltado para a exibição de jogadas rápidas e de alta intensidade.

Essa diferença muda não apenas a dinâmica do jogo, mas também o perfil dos atletas. Enquanto o formato universitário privilegia o entrosamento e a construção de equipe, algo que reflete o ambiente acadêmico e a convivência entre cursos, o modelo olímpico exige velocidade, precisão e explosões curtas, características que se aproximam das competições de alto rendimento.

A transição do formato universitário para o olímpico também altera a estrutura das posições em campo. No 8x8, há espaço para linhas ofensivas e defensivas mais completas, com funções de bloqueio e cobertura semelhantes às do futebol americano tradicional. Já no 5x5, essas posições pratica-



mente desaparecem: não há linha ofensiva fixa, e o foco recai sobre os quarterbacks, wide receivers e defensores versáteis, que precisam atacar e defender com a mesma rapidez.

Para os Eucalyptos, essa distinção não é um obstáculo, mas uma ponte. A equipe treina no formato 8x8, mas acompanha de perto as adaptações que a modalidade vem ganhando em todo o mundo. Com a aproximação dos Jogos de 2028, o objetivo é que as universidades se tornem base de formação para atletas que, um dia, possam cruzar a linha do campo olímpico representando o Brasil.



O coach **Ricardo Dias** aposta que o status olímpico do flag football pode ampliar a visibilidade do esporte no Brasil

Afet em forma de COSTURA

Tutores mostram como o ato de vestir animais reflete um novo olhar sobre o vínculo entre humanos e pets



Amanhã chega e a Feira Hippie de Campinas ganha vida. O ar tem cheiro de pastel quente, risadas ecoam entre barracas e uma aquarela de cores se espalha sobre o asfalto. Entre artesanatos, velas aromáticas e discos de vinil, um estande se destaca pelas pequenas peças penduradas: são vestidos, coleiras com laços, bandanas e bonés em miniatura.

Os clientes se aproximam, tocam o tecido, testam o caimento nos pets e, com frequência, sorriem. Ali, o ateliê de Naila Goulart Nascimento transforma o hábito de vestir animais em um gesto que une afeto, estilo e cuidado. A cena, corriqueira e terna, desperta uma questão que vai além da estética: vestir um pet é um ato de amor ou de vaidade?

DO AFETO AO OFÍCIO

Naila chegou à feira levando uma mesa, cabides e um propósito: criar roupas que expressassem o vínculo entre tutores e seus bichinhos. No ateliê, nada é produzido em série. Cada peça é feita artesanalmente, com tecidos naturais e antialérgicos, como algodão e malhas leves. “O tecido tem que respirar, tem que ser leve”, afirma.

Para o frio, as peças recebem forro térmico em fleece, tecido de poliéster leve e quente que imita a lã e seca rápido. As modelagens são amplas e confortáveis, para que o pet corra, deite e brinque sem incômodo. Naila evita enfeites soltos e materiais sintéticos. “O conforto é o primeiro passo. Se o bichinho não quiser usar, não adianta estar bonito”, explica.

Suas roupas não saem de linhas de montagem: cada uma nasce de forma artesanal, feita para proteger sem apertar. Malhas leves, algodões respiráveis e cortes que

respeitam o movimento e o humor do animal são pensados para o bem-estar. “Se o animal se incomoda, acabou o encanto”, resume a artesã.

TÉCNICA E BEM-ESTAR

Segundo a médica-veterinária Maria Fernanda Andrade, o uso de roupas em cães e gatos pode ser benéfico, desde que haja atenção às necessidades de cada animal. “Roupas podem proteger do frio, amenizar o calor ou até auxiliar na recuperação de cirurgias, mas o conforto deve vir sempre em primeiro lugar”, orienta.

Ela recomenda tecidos respiráveis, como algodão e malhas leves, e observa: “O tutor deve conseguir passar dois dedos entre o corpo do animal e o tecido. Se houver atrito, está justo demais.”

Para a veterinária, o uso de roupas é saudável quando tem função protetiva ou ambiental. “Animais de pelagem curta, filhotes e idosos precisam de ajuda para manter o calor corporal. Já em dias quentes, tecidos com proteção solar e bonés podem evitar queimaduras e insolação.”

Ela adverte que tecidos sintéticos, pesados ou impermeáveis devem ser evitados, pois acumulam calor e umidade, aumentando o risco de dermatites. “Botões e aplicações soltas são perigosos porque podem ser engolidos”, acrescenta. “E se o bicho tenta remover a roupa, lambe demais ou demonstra irritação, o melhor é retirar imediatamente. O corpo do pet fala o tempo todo.”

MERCADO E MENTALIDADES

O cuidado técnico se tornou diferencial comercial. O Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking mundial do mercado pet, segundo o Instituto Pet Brasil, e o segmento de moda movimentou mais de um bilhão de reais por ano. Em Campinas, dados do Sebrae-

Reportagem

Bianca Garutti
Isabela Meletti

Redação

Isabela Meletti

Fotos

Bianca Garutti



Naila Goulart Nascimento:
"As pessoas estão tratando os animais como membros da família"

-SP indicam crescimento de 76% no número de estabelecimentos ligados ao setor pet nos últimos cinco anos.

Para Naila, o aumento reflete uma mudança de mentalidade. "As pessoas estão tratando os animais como membros da família. A roupa virou símbolo de carinho e também de responsabilidade", diz. "Moda pet não é fantasia. É cuidado, proteção e conforto."

"Os bichos viraramo filhos, né? E filho a gente veste, cuida e escolhe a cor da roupa", comenta, rindo. Para ela, o segredo está em unir beleza e funcionalidade.

As peças mais vendidas do ateliê são camisetas de algodão e bandanas coloridas, ideais para o dia a dia. Já os coletes com mochilinha e os vestidos estampados aparecem quando a ocasião pede celebração: aniversários, ensaios fotográficos ou encontros de pets. "As pessoas gostam de ver

o cachorro bonito, mas também sabem que a roupinha protege, aquece e, no fim, é uma forma de cuidado", explica Naila.

O ESTILO FALA

Entre as clientes da artesã está Regiane Morales, tutora da yorkshire Kira, de três anos. O motivo inicial foi o frio, mas o hábito permaneceu. "A Kira sente muito frio e, no calor, uso roupinhas mais finas para protegê-la do sol. E, claro, acho bonito."

Para ela, as roupas são uma forma de cuidado. "Acho bonito ver ela arrumadinha, mas só uso o que deixa ela confortável. É uma maneira de mostrar o quanto ela é amada." Regiane prioriza tecidos leves e modelagens simples. "Escolho sempre pelo conforto, nunca por tendência. A Kira já é acostumada, gosta das roupinhas e até levanta a patinha quando percebe que vou vestir."

Daniela Martins vive história semelhante. Tutora do shih tzu Theo, resgatado das ruas há três anos, ela viu na roupa uma forma de acolhimento. “O primeiro agasalho serviu para aquecê-lo e oferecer segurança. Desde então, vestir o Theo se tornou um gesto de afeto.”

Cliente fiel do ateliê, ela tem dezenas de peças sob medida. “A Naila sempre pergunta o tamanho, o tipo de tecido e o que deixa ele confortável. O Theo só usa o que gosta; se não quiser, eu tiro na hora.” Daniela define moda pet como cuidado e vínculo: “A roupa ajudou a criar confiança. É amor, não vaidade.”

POR TRÁS DO ATELIÊ

Quem também constrói essa história com as próprias mãos é Ana Lúcia, sócia e amiga de longa data de Naila. “Minha mãe começou essa barraca em 1998. Eu era adolescente, vinha ajudar, até que em 2010 fiz o teste e passei a ter meu próprio dia na feira. Em 2017, a Naila entrou comigo, e desde então a gente toca juntas.”

Ana vê na trajetória da barraca uma história de empreendedorismo e parceria. “Sempre pensamos em conforto. As camisetas são leves, ideais pra uma noite mais fresca. Os vestidos têm babado, mas não apertam. E a gente sempre explica: roupa de pet é pra passeio, não pra ficar o dia todo dentro de casa.”

Ela destaca a aceitação do público. “Tem gente que vem direto pra cá, já sabe o que quer. As peças de Natal fazem muito sucesso. E a bandana, por ser mais barata e fácil de usar, é a campeã de vendas.”

As mochilinhas, segundo Ana, também chamam atenção. “Elas são embutidas na coleira peitoral, que é toda de tecido, forrada, superconfortável. A ideia é ser útil e bonita ao mes-



**Bonés para
cachorros
produzidos
pelo ateliê
Patas e
Fucinhos**



Ana Lúcia, sócia de Naila, diz que ambas sempre pensam em conforto para os pets

mo tempo, mas sem tirar a liberdade do pet.”

LIMITES DO CONFORTO

A veterinária Maria Fernanda Andrade reforça: “Se o bicho tenta tirar a roupa, lambe demais ou se irrita, algo está errado. A linguagem corporal é o idioma dele. O tutor precisa estar atento.”

Ela lembra que a maioria dos cães se sente desconfortável com sapatos, pois o calçado altera o tato das patas, essencial para o equilíbrio. “Só recomendo em casos específicos, como pós-cirúrgico ou proteção contra superfícies muito quentes.”

Naila concorda. “Eles precisam andar, sentir o chão e se movimentar com liberdade. A gente não pode tirar isso deles.” Por esse motivo, o ateliê não produz sapatos. Bonés e viseiras, quando usados, devem ser leves, ajustáveis e retirados logo após

o passeio. “Eles precisam sentir o vento, o chão, a rua”, completa a veterinária.

MODA RESPONSÁVEL

No ateliê de Naila, vestir um animal nunca se resume a deixá-lo bonito. Cada tecido, costura e detalhe é pensado para valorizar o bem-estar. “Roupa de pet boa é aquela que ele nem lembra que está usando”, diz a artesã, repetindo o lema que orienta seu trabalho: conforto primeiro.

A veterinária concorda: “A roupa pode ser uma forma de carinho, sim. Desde que não ultrapasse os limites do conforto, é um gesto de afeto que aproxima tutor e animal.”

Naquele estande da feira hippie desenha-se um novo tipo de elo: um amor costurado com linha e cuidado, que, no fim das contas, veste mais o tutor do que o próprio pet.



NÃO FOI SÓ UMA FASE

Com raízes no punk, a estética emo e gótica se reinventa na geração Z, unindo moda, identidade e ativismo em uma resistência que ultrapassa as tendências e décadas



Desfile Blumarine's Spring Summer 2026 collection, de David Koma

Enquanto caminha pela universidade em que estuda com botas, franja, roupas pretas, acessórios spike e maquiagem escura, Bruna Café, de 19 anos, anuncia que os emos e os góticos não ficaram no passado.

Eles definitivamente não foram só uma fase. O movimento apenas se reinventou ao longo das décadas com adeptos da nova geração e agora se mostram na era digital com novas vozes, novos palcos e a mesma melancolia elegante de sempre.


O visual de Bruna evoca os anos 2000, quando bandas como Evanescence, My Chemical Romance, Bauhaus e Paramore embalavam fones de ouvido e corações adolescentes. Estamos em 2025, e ela é parte de uma nova geração que se conecta a estéticas alternativas: emo, gótico, dark, witch core, grunge e tantas outras vertentes que orbitam o mesmo universo.

Aos millennials que pensam que

viveram a fase mais efervescente da subcultura, a jornalista especializada em moda, Sofia Furtado, afirma o contrário, o movimento está mais vivo do que nunca e está sendo puxado pela geração Z.

“O gótico e o emo nasceram como ramificações do movimento punk nos anos 1970, fazem parte da mesma subcultura”. Em função da contracultura presente em todas as épocas, Sofia acredita que “os góticos sempre vão se reinventar”, pois não se trata apenas do modo de vestimenta, mas também de identidade, manifestação e estilo de vida, e, de acordo com ela, “isso não vai acabar”.

Para Bruna, que é estudante de artes visuais, seu estilo vai além de uma preferência: “É uma coisa que eu tenho desde que era criança e é algo que persiste até hoje, que não muda porque é realmente quem eu sou, com quem eu me identifico e com quem eu quero

A woman with dark hair and eye makeup is wearing a black gothic-style outfit. She has a black top with a lace-trimmed V-neckline, a black corset with a bow at the waist, and a black skirt. She is accessorized with a black beaded necklace, a black spiked wristband on her right wrist, a black spiked wristband on her left wrist, and several rings. She is also wearing a black belt with large silver rings and chains hanging from it. The background is a plain, light gray.

“É realmente quem eu sou, com quem eu me identifico e com quem eu quero continuar sendo”, afirma **Bruna Café**

Reportagem

Isabela Meletti
Fayollah Souza

Redação

Isabela Meletti

Fotos

Fayollah Souza

continuar sendo”.

DO UNDERGROUND ÀS PASSARELAS

Grande expoente da moda punk e gótica, Vivienne Westwood, designer de moda, inaugurou o estilo nas passarelas e lojas, popularizando os adeptos ao punk e levando a identidade ao mainstream. Vivienne foi pioneira na representação da moda gótica por meio de suas criações, a estilista sustentou - e sua marca ainda sustenta - a imagem de um estilo alternativo, de subcultura.

Mesmo com a morte de Vivienne em 2022 e a ausência de grandes criações góticas nomes do estilo, os emos não saíram da moda. Pelo contrário, estão cada vez mais presentes, principalmente representados pelos jovens.

Westwood foi responsável por traduzir esse espírito em linguagem de moda. “Ela tinha o DNA do alternativo”, completa Sofia.

Nas décadas de 1980 e 1990, o punk se fragmentou em grunge, industrial, new

wave e emo. Nos anos 2000, o emo se destacou com uma combinação de música romântico-depressiva e moda melancólica. Para muitos soou como um “visual dramático”, mas para quem viveu, foi uma forma de expressão dos sentimentos.

A Geração Z não redescobriu o emo: ela está ressignificando a subcultura. “Hoje temos emos com filtros, trilhas sonoras, poses coreografadas e legendas existencialistas”, diz Sofia. Plataformas de redes sociais como TikTok e Instagram abriram espaço para novas narrativas visuais que misturam nostalgia e autenticidade.

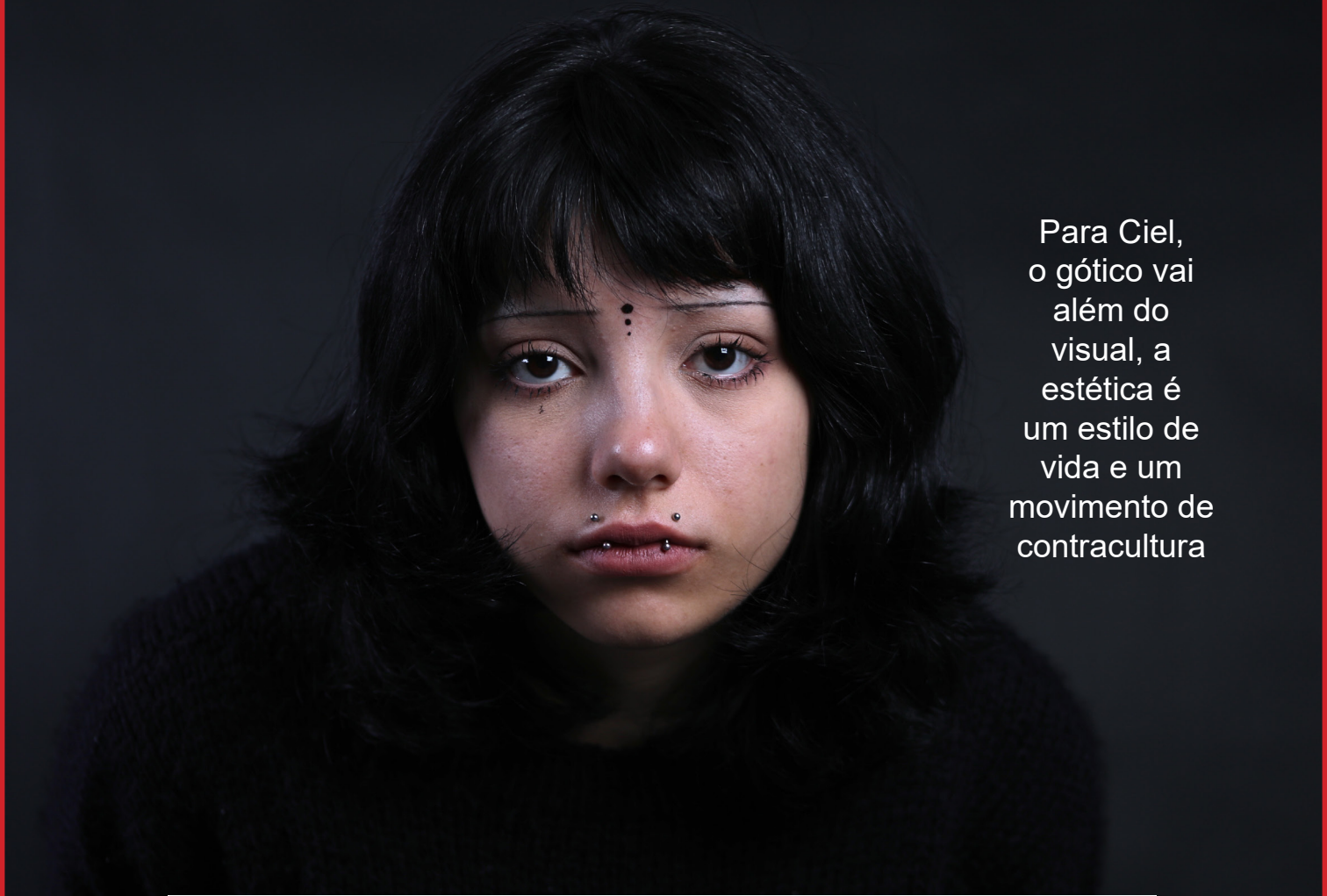
Bruna, por exemplo, mistura referências que vão de Mortícia Addams a influenciadoras góticas. É um estilo que cruza fronteiras visuais e ideológicas.

ALÉM DO QUE OS OLHOS VEEM

Sem pestanejar, o estudante e artista Ciel Pereira, de 21 anos, afirma: “Para ser gótico é muito importante que a pes-

Rodrigo Cardozo e Camila Frates, marcaram presença no halloween, e afirmam que ser emo ou gótico está no sangue





Para Ciel, o gótico vai além do visual, a estética é um estilo de vida e um movimento de contracultura

soa esteja de acordo com certos ideais políticos. Por conta da subcultura ter raízes do punk, um movimento principalmente anarquista, é impossível que você tenha pensamentos políticos contrários a essa linha”.

Quem vive a subcultura na pele e no dia a dia não deixa de se posicionar politicamente, de ir a manifestações e estar em locais públicos que incentivam a igualdade entre as pessoas, porque é justamente isso que a subcultura é em si. Um movimento que passa pelo visual e pela moda, mas vai muito além.

“Hoje em dia parece que é muito elitizado e falso. ‘Você precisa se vestir de uma maneira certa para ser gótico, você tem que usar marcas específicas para ser gótico’. Sendo que não é sobre isso. É muito mais sobre um estilo de vida e sobre aceitar o próximo e sobre tentar ser uma pessoa melhor, não só para você, mas para o mundo também, do que só sobre a forma

como você se veste”, explica Ciel.

Pegar carona no movimento para utilizar o estilo sem se envolver com a causa constitui um dos problemas que ele vê acontecendo nesse meio atualmente. Ciel acredita que, com as redes sociais cada vez mais presentes no dia a dia, e a popularização desse estilo, muitas pessoas começaram a se vestir como emos e góticos só por enxergarem beleza sem procurar saber o que essa estética significava, “isso esvazia essa moda de conceito e essas pessoas só usam o estilo por “estar na moda”, enfraquecendo o movimento.

Ainda assim, a reinvenção e resistência da subcultura gótica não ocorre ao acaso. Ela passa por diversos momentos de mudanças sociais e políticas e continua acompanhando a atualidade por meio de sua essência: ser um movimento de contracultura.

“Eu acho que além da questão de ser um movimento político e de vida, ele re-



siste e não termina até que o sistema que a gente vive muda, porque se o sistema não muda, é impossível que movimentos revolucionários também não deixem de acontecer. E eu acho que o jovem, principalmente, vai sempre ter essa força de reinventar os movimentos e as subculturas e querer mudar as coisas. E isso está presente em todas as gerações”, diz.

Um estilo que pulsa, que está vivo nos jovens da geração Z e que segue cumprindo seu papel de ultrapassar os limites da moda, dos looks e das passarelas para pautar discussões e reivindicar mudanças na sociedade.

O movimento está vivo, por exemplo, em Campinas, com os diversos eventos góticos e encontros de emos organizados por grupos ou estabelecimentos da cidade.

Em uma noite de Halloween na metrópole, um bar promoveu um evento gótico que agitou a cena da subcultura campineira. A festa teve shows de músicas do gênero, fantasias assombrosas, mas com toque gótico, e pessoas do movimento de todos os tipos celebrando e cultivando a diversidade e a manifestação dos sentimentos e pensamentos políticos.

EXPRESSION E MANIFESTAÇÃO

Sofia Furtado defende que a roupa é linguagem. “É um discurso não verbal. O emo e o gótico sempre foram escuros e formas de protesto, tanto quanto de estilo”, afirma.

Segundo Bruna, o gótico aborda temas que a sociedade tenta esconder,

“A subcultura vai existir enquanto houver um sistema que não se modifica”, diz Ciel Pereira

e muitas vezes utiliza o visual de roupas escuras e maquiagens pesadas para representar isso de maneira impactante.

“É uma comunidade frequentemente vista como rebelde, porque se opõe ao sistema e à cultura predominante, que insistem em padronizar as pessoas, colocá-las em caixinhas e estimular o consumismo e as desigualdades sociais”, diz.

Aos olhares tortos, a estudante deixa um recado: “Respeitem o gosto e a felicidade das pessoas, não é um crime, ela não está fazendo nada de errado, é só a pessoa mostrando quem ela é para o mundo”.

A jornalista Sofia Furtado reforça: “a moda emo-gótica vive, mas não é um revival do passado, como muitos pensam. É uma continuação”. Trata-se de uma mistura de memória e desejo de manifestação política e de liberdade, que se expressa em corpos que recusam a normatividade visual e reivindicam sensibilidade e revolução.



Sofia Furtado é jornalista formada pela PUC-Campinas e pós graduada em Fashion Business



Bruna Café mistura referências que vão de Mortícia Addams a influenciadoras góticas



**FELIPE ALVES,
FOTÓGRAFO E EMO,
NO HALLOWEEN
GÓTICO DE UM BAR
EM CAMPINAS**





A ESTUDANTE BEATRIZ BARROS, DE 18 ANOS, ACREDITA QUE EVENTOS GÓTICOS FOMENTAM A SUBCULTURA NA METRÓPOLE

CORRENTES, SPIKES, COLARES MARCANTES, COTURNOS E MUITO PRETO COMPÕEM O LOOK EMO-GÓTICO



Empreendedorismo

Trancistas

transformando
estética
em renda e
resistência



Reportagem

Letícia Borges
e Luiza
Pessopane

Redação

Luiza
Pessopane

Fotos

Letícia Borges

No pequeno salão de paredes desenhadas em Campinas, a primeira coisa que chama a atenção é o movimento das mãos. Júlia Cristina Luz de Souza, 21 anos, começa a dividir o couro cabeludo do cliente em linhas quase geométricas. O pente fino risca caminhos precisos, a pomada dá brilho, os fios são separados, esticados, alimentados. O barulho discreto da rua entra pela porta entreaberta; sobre a mesa, um caderno de anotações, o celular vibrando com novas mensagens e um rolo de cabelo sintético aguardando a vez. Enquanto trança, Júlia conversa, ri, lembra-se da primeira vez que cobrou pelo serviço. Em volta, tudo é cotidiano: um espelho grande, uma luz forte vinda do led. Mas o que acontece ali ultrapassa o espelho, é ancestralidade sendo costurada fio a fio. Estar na cadeira de uma trancista é mais do que se preparar para receber um penteado, é ter acesso direto à sua história, ancestralidade e cuidado. As tranças, vistas como um penteado por olhos leigos, que as enxergam como um simples trabalho estético, na verdade têm raízes muito mais profundas na autoestima e na cultura afro-brasileira, por muitos anos negligenciada na história.

MAPAS, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA

Para a professora e pesquisadora Jacqueline Damázio, 56 anos, do Ceprocamp (Centro de Educação Profissional de Campinas), tudo o que está relacionado à imagem tem um grande peso na sociedade, especialmente quando falamos dos traços de suas origens. Na sala de aula onde atua, as paredes brancas e o quadro de projeção fazem contraste com sua blusa amarelo-clara e as pulseiras douradas, que tilintam a cada gesto e realçam o seu tom de pele retinta. Jacqueline conta, com orgulho, detalhes de uma arte tão revolucionária para a sua ancestralidade: “O racismo brasileiro, muitas vezes mascarado de cordialidade, apagou e invisibilizou histórias essenciais. As tranças, por exemplo, têm uma importância histórica profunda: durante o período da escravidão, elas serviam como mapas de fuga, desenhados nas cabeças das pessoas escravizadas, indicando rotas para os quilombos. Ao reconhecermos isso, valorizamos uma história de resistência, força e inteligência coletiva que foi, por muito tempo, silenciada.” O ato de trançar, antes realizado de forma familiar e comunitária, entre conversas e risa-

das, hoje é reconhecido como uma profissão pelo Ministério do Trabalho e Emprego, que deu um passo histórico ao oficializar a criação de uma Classificação Brasileira de Ocupações específica para o ofício das trancistas. Apesar disso, ao sentar-se para trançar, ainda há uma corrente de diálogo, acolhimento e força que motiva a luta contra o racismo no cotidiano. Nas palavras da professora, ao se olhar no espelho, o ato de reconhecer-se e afirmar-se como mulher negra causa impacto; há olhares de empatia, orgulho e admiração. É nesse ritmo de vai e vem, entre uma mecha e outra, que o processo reforça o quanto as tranças se inserem em um movimento global da diáspora africana, conectando histórias e resistências por meio de uma rede invisível de empatia e pertencimento. Muitas dessas mulheres vivem do trabalho como trancistas, algumas como principal renda, outras como renda complementar, fortalecendo o afroempreendedorismo.

REFERÊNCIA NA CIDADE

Júlia Cristina Luz de Souza, trancista profissional de 21 anos, começou trançando seus familiares e amigos sem pensar muito no futuro. Hoje, no salão que montou com esforço, o caderno de horários aberto sobre a bancada divide espaço com o celular, os rolos de cabelo sintético e o creme de pentear. Enquanto preparava o seu salão para o próximo atendimento, a jovem compartilhou uma lembrança curiosa: “No início, não levava em conta o lado cultural nem o financeiro. Era algo que as pessoas pediam e eu fazia. Mas, conforme fui me envolvendo mais, comecei a buscar conhecimento sobre estética, cultura e geração de renda. Foi aí que percebi que queria continuar.” Hoje, Júlia é uma referência em Campinas. Com técnicas próprias, como a Barrel Twist, ela transforma cabelos, autoestima e carreiras. “Ser trancista não é apenas trançar o cabelo. É empreendedorismo, independência financeira e identidade. Muitas pessoas não entendem que cada trança carrega técnica, tempo e ancestralidade”. Ao organizar seus materiais, ela se lembra da primeira trança que fez profissionalmente: “Demorei 12 horas e cobrei R\$ 70,00. Me arrependi amargamente, mas aprendi que precificar é respeitar o meu próprio trabalho.” Entre uma experiência e outra, a rede de apoio mútua de trancistas de Campinas reforça que o reconhecimento da profissão ultrapassa as bar-

reiras do empreendedorismo em um ato coletivo de resistência contra o racismo estrutural.

CORRENTE DE APOIO

Essa visão é compartilhada também por Kaiene Camargo, 27 anos, trancista da região de Campinas, que comenta sobre a importância da oficialização da profissão. Em seu espaço de trabalho, onde realiza tranças de mil formatos (coques altos, box braids volumosas, nagôs milimetricamente desenhadas), ela vai apontando com orgulho a trajetória construída fio a fio. “Trabalhamos duro, transformamos vidas, resgatamos culturas. Hoje vejo que o trancismo impacta não apenas economicamente, mas socialmente para mulheres pretas e mães solo. É uma forma real de gerar renda, autonomia e fortalecer raízes.” A trancista, antes de ter sua arte valorizada, começou a realizar as tranças por necessidade e amor, treinando sozinha e observando amigas, e reforça que, apesar da magnitude da conquista, ainda há um longo caminho a percorrer. “Muitas pessoas ainda pensam que trança é só estética. A gente transforma vidas”, destaca com a propriedade de quem reconhece como essa arte é um ato político e exige letramento racial.

ESPELHO, ORGULHO E PERTENCIMENTO

Para os clientes, a experiência vai além do visual. Henrique Vieira Gomes, 19 anos, estudante de Jornalismo, recorda, com um olhar orgulhoso em direção ao seu reflexo no espelho, a primeira vez que trançou seu cabelo. “Eu queria algo diferente, nunca tinha feito. No final, fiquei satisfeito, me senti bem comigo mesmo. Mas não foi só estética, é identidade, ancestralidade, pertencimento. Quando me olham com as tranças, percebo orgulho e respeito.” Apesar de o momento social ser de maior compreensão e aceitação dessa estética, que vem sendo naturalizada, o estudante reflete, com a consciência de um aspirante a jornalista, sobre o preconceito ainda existente. “Já ouvi coisas como ‘isso dá para lavar?’ ou ‘cabelo sujo’. É triste, isso mostra que o racismo estrutural ainda está presente, mas, usar tranças é afirmar quem somos e valorizar nossas raízes. É um gesto político, consciente, mesmo que pareça só um penteado para alguns.”

APROPRIAÇÃO CULTURAL X ESTÉTICA

“Há uma frase de Angela Davis que diz:



Júlia e Kaiene mostram que a profissionalização do trancismo fortalece histórias e gera autonomia



‘Quando alguém se compromete com a luta, deve ser pela vida inteira.’ As tranças representam esse compromisso.” Ao afirmar isso, Jacqueline explica a linha tênue entre apropriação cultural e estética, debatidas no ato de trançar o cabelo, realizado por pessoas brancas. “Não há como olhar para um corpo negro, feminino ou masculino, e não reconhecer o que as tranças carregam. Elas marcam nossa origem africana e reafirmam o orgulho racial. Ser uma pessoa trançada é trazer no corpo o demarcador racial e o orgulho de onde viemos. As tranças nos fazem lembrar de nossos antepassados, que, com muita dificuldade, lutaram estrategicamente para que estivessemos hoje ocupando espaços antes negados. Somos os sonhos dos nossos ancestrais, e trançar o cabelo é uma forma de reverenciar essa luta e esse amor.”

Para Jacqueline, desmistificar a ideia de que as tranças são apenas uma tendência estética passa por compreender que elas são uma expressão identitária, cultural e histórica. “Sobre a apropriação cultural, é importante entender que ela ocorre quando alguém faz uso de um símbolo sem compreender sua origem ou significado. Uma pessoa branca pode usar tranças, mas precisa saber o que elas representam. Se ela conhece a história, as diferenças entre os tipos de trança e o contexto de resistência que elas simbolizam, então não há problema. O problema é o uso raso, desconectado da ancestralidade. É preciso refletir sobre por que, para uma pessoa branca, as tranças são vistas como algo ‘exótico’ e ‘bonito’, enquanto, para uma pessoa negra, elas ainda são motivo de preconceito e discriminação. Essa diferença é o reflexo mais claro do racismo estrutural.” Em concordância, Júlia reflete que cada pessoa que já passou pela sua cadeira carrega uma história: “Atendo pessoas que sofreram danos químicos, que não se sentiam bonitas com o próprio cabelo. Depois de uma trança, percebem que sua cultura tem valor, que podem se sentir poderosas e confiantes. É muito mais que cabelo; é autoestima e ancestralidade em cada fio.”

EMPREENDEDORISMO NEGRO

Apesar da beleza e do simbolismo, o universo das tranças também enfrenta desafios internos. Kaiene, assim como outras profissionais da área, relata que há, em alguns mo-

mentos, uma competição desnecessária entre trançistas, envolvendo disputas por clientes e comparações que acabam enfraquecendo o senso de coletividade. “Ainda existe competição entre trançistas. Mas há espaço para todas. Se nos unirmos, trocarmos experiências, toda a categoria cresce”, ressalta. Júlia conta que, para quem quer dar os primeiros passos na área, o investimento inicial é bem básico. “Dá para começar com pouco: um pote de pomada, que custa cerca de R\$ 15,00 na farmácia, e um pente fino, que custa em torno de R\$ 3,00. Essa é a base para começar com a trança nagô, que é trança enraizada simples e uma das técnicas mais antigas. É claro que fazer cursos ajuda muito, mas, caso a pessoa não tenha condições no início, pode aprender com vídeos na internet ou com amigos que já saibam fazer.”

Para quem deseja se profissionalizar na área, trançar vai muito além de um hobby. A decisão de realizar cursos de especialização é uma possibilidade de adquirir conhecimentos técnicos para aperfeiçoar o seu trabalho e se destacar no setor. Isso é debatido pela professora Jacqueline, que apresenta a iniciativa da Ceprocamp de adotar um curso de trançista no Centro. “Estamos trazendo, dentro dos próximos dois meses, o curso de trançista, profissão que foi recentemente reconhecida.

A Prefeitura de Campinas, o Sebrae e outras instituições também têm oferecido formações com recorte racial. Há um número crescente de afroempreendedores, e o Sebrae mostra, em dados, que o maior número de microempreendedores do país é formado por pessoas negras.” Em contrapartida, Júlia ensina em seu curso técnicas autorais, mais detalhadas e criativas, que ajudam cada aluno a desenvolver um estilo próprio e se destacar no que faz. “O curso que eu desenvolvi é voltado tanto para quem nunca teve contato com tranças e quer aprender do zero, quanto para quem já tem uma noção e deseja se profissionalizar. Eu o montei de um jeito mais individual, sem turmas grandes. Cada aluno tem o seu dia e horário, porque acredito que assim consigo passar melhor o meu conhecimento. Como é a primeira turma, quis fazer algo mais íntimo, em que a pessoa se sentisse à vontade para errar, sem se comparar com os outros. Às vezes, dentro de uma sala, alguém apren-

"É um gesto político,
consciente, mesmo que
pareça só um penteado
para alguns"

Henrique Vieira Gomes





Jacqueline Damázio diz que compreender as tranças é reconhecer a ancestralidade e enfrentar o racismo estrutural

de mais rápido e o restante começa a se cobrar, achando que não é capaz. Então, essa ideia de aula individual veio justamente para que cada um tivesse o seu tempo.”

VITRINE E VALORIZAÇÃO

Para Júlia, as redes sociais têm um papel essencial no fortalecimento dessa comunidade, servindo como espaço de troca, aprendizado e valorização do trabalho das trancistas. “O Instagram é a porta de entrada, mas o TikTok ajuda a viralizar. Postar com constância, mostrar técnicas, dar dicas de cuidados, tendências, produtos, tudo isso constrói autoridade. Quando o perfil é só foto, soa superficial. Mas conteúdo de qualidade gera confiança.” Kaiene reforça: “Quem não se posiciona nas redes fica invisível. É ali que mostramos dedicação, técnica e estilo. A rede social é o cartão de visita da nossa arte.” Apesar do reconhecimento, o trancismo ainda enfrenta desafios. Júlia lembra da precificação: “Não é só cobrar pelo material; é o tempo, dedicação, energia. Cada trança exige esforço físico e intelectual. Temos que ensinar clientes a valorizar o nosso trabalho”, conclui.

Beleza e posicionamento político

Para Henrique, usar tranças também é política: “Cada fio é expressão de cultura, autoestima e resistência. É desafiar padrões que dizem que cabelo liso é mais ‘sério’ ou ‘aceitável’. As tranças nos lembram

de quem somos e de onde viemos.” Trançar não é apenas moda. É história, arte, negócio e resistência. É ancestralidade viva, transmitida de mãos habilidosas a quem busca identidade e empoderamento. Cada trança conta uma história, transforma vidas e reafirma que beleza e cultura caminham juntas, fio a fio, laço a laço, trança a trança. Em uníssono, a voz da comunidade ecoa para o mundo os avanços conquistados pelo reconhecimento de que a luta antirracista precisa ser de todos. A branquitude também precisa se comprometer com o diálogo e a consciência de que o preconceito impede o convívio com o diferente e bloqueia o conhecimento. Superá-lo é abrir espaço para trocas que enriquecem a todos. No fim do dia, quando o salão de Júlia vai esvaziando, sobram no chão pequenos pedaços de fibra dourada e alguns fios naturais, varridos com cuidado. Henrique ajeita a mochila, tira uma última selfie com o novo penteado; Kaiene responde às mensagens de clientes pelo celular; Jacqueline, do outro lado da cidade, revisa o projeto do curso de trancistas que em breve chegará a novas turmas. A luz forte ainda recorta as mãos de Júlia diante do espelho enquanto ela confere a última trança da noite. Do lado de fora, as cabeças trançadas seguem circulando pela cidade (mapas de fuga e de futuro), lembrando, a cada passo, que “é muito mais que cabelo; é autoestima e ancestralidade em cada fio”.

Criatividade

Milka Goulart mostra seu acervo pessoal, orgulhosa de sua coleção que foi conquistando ao longo dos anos



DO LÁPIS AO ALGORITMO o novo traço da arte

Apenas uma folha em branco, tendo em mente apenas a ideia do que se deseja expressar, e, assim, por meio de traços, a arte vai tomando forma, um traço tímido aqui, depois outro, e mais outro, até surgir a imagem que antes existia apenas no imaginário de quem cria. Era assim que a arte nascia, do lápis, da tinta, do tempo. Mas, com o passar dos anos e com os avanços tecnológicos, hoje basta digitar um comando para que a imagem apareça na tela como mágica, ou quase isso.

“A arte é feita de escolhas, de erros e acertos, e isso, por enquanto, máquina nenhuma consegue simular”. Essa frase é do ilustrador Ricardo Quintana, mas poderia ecoar nas palavras de muitos artistas pelo mundo afora. Porque, se por um lado a inteligência artificial fascina pela agilidade e pelo poder criativo, por outro ela tende a despertar desconfiança e até mesmo medo.

Nos últimos anos, a IA deixou de ser um recurso de ficção científica para se tornar ferramenta cotidiana, e seu impacto já é visível até mesmo no universo mais sensível, o da criação artística. Em Campinas, esse embate entre o humano e o algoritmo tem ganhado fôlego. A cidade se transformou num campo de disputa simbólica entre quem acolhe a nova tecnologia como aliada e quem enxerga nela uma ameaça à essência da arte.

O ilustrador Ricardo Quintana, coordenador da Escola de Artes Pandora, é uma das vozes que defende a permanência da arte feita à mão. Ele afirma que não utiliza inteligência artificial em suas obras, apenas, em alguns casos, como referência. “A IA pode gerar imagens impressionantes, mas ainda

não tem sensibilidade, nem o olhar humano. A arte é feita de escolhas, de erros e acertos, e isso a máquina ainda não consegue reproduzir”, afirma Quintana. Para ele, o trabalho do ilustrador não corre o risco de ser substituído tão cedo. “A tecnologia pode ajudar, mas não substitui a essência da criação”, declara.

A fala reflete um sentimento que tem sido visto com mais frequência entre muitos artistas. Há uma preocupação crescente com a autenticidade e a valorização do trabalho manual, especialmente em um momento em que bancos de dados alimentam geradores de imagem com obras de artistas reais, muitas vezes sem autorização.

MERCADO EM TRANSFORMAÇÃO

Apesar das resistências, há quem veja na IA uma oportunidade. Ferramentas como DALL-E, Midjourney e Firefly têm sido usadas por ilustradores e designers para testar ideias rapidamente, explorar mais paletas de cores e experimentar outras composições antes de passá-las para o papel ou para a tela digital. Em um mercado cada vez mais acelerado, em que prazos e demandas crescem na mesma proporção que a concorrência, a IA surge como uma aliada. Ela pode auxiliar na otimização de processos, inspirar novas abordagens e até democratizar o acesso à produção de imagens, ainda que isso levante questões sobre autoria e direitos autorais. Em um mercado cada vez mais acelerado, em que prazos e demandas crescem na mesma proporção que a concorrência, a IA surge como aliada. Ela pode auxiliar na otimização de processos, inspirar abordagens e até democratizar o acesso à produção de imagens, ainda que isso levante questões sobre autoria e direitos autorais.

Segundo a advogada especialista em Direitos Empresariais, Direitos

'Sempre vai existir um grupo de pessoas que vai preferir ter contato com o artista, entender a insiparção por trás de cada obra'
Milka Goulart

Reportagem
Isabelle
LayarJoão
Fortunato

Redação
Isabelle
Layara
João
Fortunato

*Fotos e
Paginação*
João
Fortunato



Ana Carolina Paes de Mello, advogada especialista em Direito de Imagem por IA

Digitais e pesquisadora do Labjor (Unicamp), Ana Carolina Paes de Melo, o avanço da tecnologia ocorre em uma velocidade inédita, pois ainda estamos aprendendo a lidar com seus impactos. “Nós chegamos a um ponto em que a tecnologia já é capaz de simular a realidade de forma quase indistinguível. Isso é fascinante, mas também assustador. Ela substitui processos humanos numa velocidade impossível de acompanhar, e esse é o problema, é uma ameaça real, especialmente se não houver regulamentação”.

Segundo Ana Carolina, a inteligência artificial pode ser uma importante aliada no dia a dia, mas ela também vem acompanhada de riscos. “O remédio e o veneno estão no mesmo potinho. A diferença está em como a sociedade vai dosar o uso”.

Com isso, os desafios enfrentados pelos ilustradores não se restringem somente à autoria. Ana Carolina cita o caso do efeito Ghibli, um movimento que se popularizou

no início de 2024, quando muitos usuários passaram a gerar fotos no estilo do Estúdio Ghibli, produtora popularmente conhecida pelas animações feitas à mão, como *A Viagem de Chihiro*.

O principal problema, explica a advogada, é que essas criações, embora não sejam ilegais, levantam questões éticas muito sérias. “Nem tudo o que é permitido por lei é necessariamente correto. Criar ‘no estilo de uma artista’, como no caso do Ghibli, não é ilegal, mas é feito à revelia de quem realmente criou aquele estilo. É uma apropriação que desrespeita o valor simbólico da obra”, afirma.

A indignação do estúdio japonês não se limita apenas à questão estética, mas também à ética. O estúdio defende veementemente a arte artesanal e, logo após a popularização desse “efeito”, posicionou-se contra o uso de IA em qualquer etapa de suas produções. Para a advogada Ana Carolina, esse caso se mostra emblemático, pois escancara a dis-

Milka Goulart possui um olhar sensível para a arte que se estende à discussão sobre valor e ética



tância entre o que a lei permite e o que a ética da criação demanda.

CRIADORES E CONSUMIDORES

Outro ponto importante nesse debate é como o público enxerga a arte feita por IA. Para muitos consumidores, a diferença entre uma ilustração feita à mão e uma gerada por máquina é quase imperceptível, o que pode impactar o valor atribuído ao trabalho artístico.

Milka Goulart, produtora de audiovisual cultural e uma consumidora assídua, apaixonada por artes e ilustrações, reflete sobre como a criação humana vai muito além da estética. “O que me atrai na arte é justamente o que está por trás da obra. É saber onde o artista buscou inspiração, o que ele sentiu, o material que usou, a história que existe por trás daquele traço. A IA pode criar belas imagens, mas o contexto humano ainda me faz querer adquirir obras que são mais originais”.

Para Milka, a inteligência artificial é uma ferramenta muito po-

derosa, por seu grande potencial tecnológico. Mas, mesmo tendo já reconhecido isso, ela defende que a arte feita por pessoas sempre encontrará espaço. “A IA é uma ferramenta importante, mas eu não acho que vá substituir o olhar humano. Sempre vai existir um grupo de pessoas que vai preferir ter contato com o artista, entender a inspiração por trás de cada obra. A arte feita por gente não vai morrer”.

Milka possui um olhar sensível para a arte que se estende à discussão sobre valor e ética. A produtora acredita que o preço de uma obra deve refletir o processo de criação, o tempo e o envolvimento humano, algo que a inteligência artificial ainda não é capaz de replicar. “Uma obra envolve pesquisa, improviso, técnica e emoção. Já uma imagem feita 100% por IA não pode ter o mesmo valor, porque não tem o mesmo investimento emocional e criativo”, afirma.

Sobre a recente polêmica relacionada ao Estúdio Ghibli, Milka

Ricardo
Quintana,
Coordenador
da Escola de
Artes
Pandora



Nath Araujo,
influenciadora
e artista
analgógica e
digital



Coleção
de arte
de Milka
Goulart

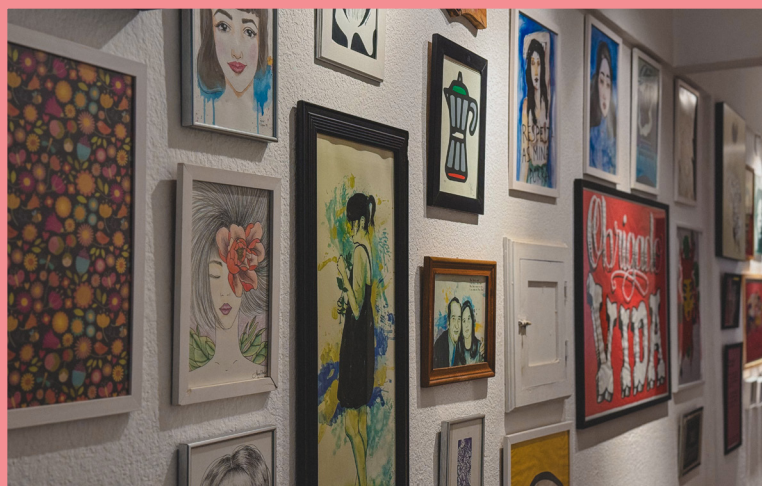
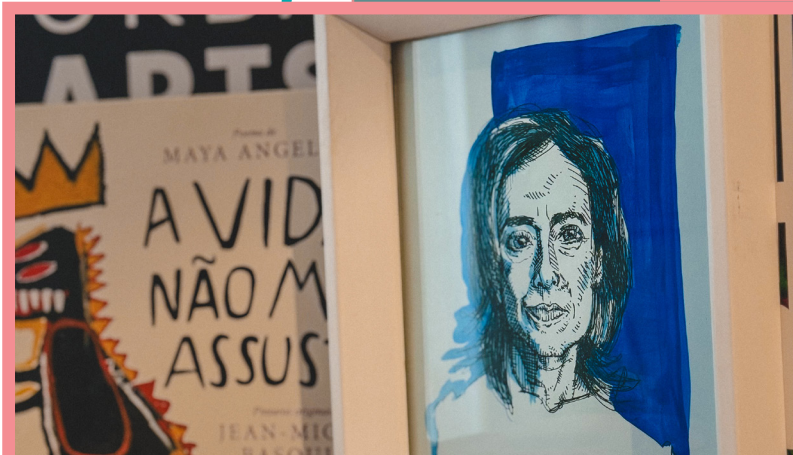


Ilustração
de
Fernanda
Torres na
coleção
de arte de
Milka



revela que o movimento a incomodou profundamente, pois, para ela, o caso retrata o limite entre a inspiração e a apropriação. “Aquilo é uma falta de respeito. Sabe quanto tempo aquele estúdio levou para desenvolver um traço tão único? É uma arte com origem, cultura e história. E, de repente, vem um aplicativo e copia tudo. A questão não é só legal, é ética. Até onde vai nosso critério?”

Assim como a advogada Ana Carolina Paes de Melo, Milka reforça que a linha tênue entre inspiração e cópia está cada vez mais borrada, e que cabe ao público passar a refletir mais sobre o que vem consumindo. Para ela, a arte, digital ou analógica, continua sendo uma forma de conexão emocional e humana. E é isso que, mesmo diante de algoritmos cada vez mais lapidados, ainda mantém a essência da criação viva.

Enquanto isso, artistas que misturam técnicas tradicionais e digitais tentam equilibrar a criatividade com a necessidade de se adaptar, como é o caso da ilustradora Nath Araújo, que passou a explorar o espaço digital e o analógico em suas criações e nas redes sociais. Para Nath, ainda que a inteligência artificial avance rapidamente, ela não elimina o papel do profissional de arte. “Por mais avançada que esteja, ela ainda depende de um profissional da área para direcionar o trabalho”.

Segundo a ilustradora, o real problema é que o mercado não é formado apenas por artistas que ocupam posições de liderança em projetos criativos. “Grande parte faz o trabalho ‘manual’ que, sem regulamentação, pode ser substituído pela IA”, revela.

Essa ausência de regulamentação também abre espaço para outro tipo de impacto, a desvalorização profissional. “Podemos ver de mui-

tas formas, como diminuir o valor que se paga aos ilustradores freelancers, o desemprego estrutural, o uso ilegal de obras de artistas e estúdios, a falta de clareza quanto aos direitos autorais... tudo isso pode ampliar o preconceito que já existe contra as áreas de design e entretenimento, que muitas vezes não são vistas como profissões sérias”.

Nath também fala de um risco criativo. “Os profissionais que usam IA indiscriminadamente podem acabar prejudicando a própria capacidade de resolver problemas, de decidir e, principalmente, de criar”. Ainda assim, ela reconhece que há um lado positivo nesse cenário, mesmo que restrito. “Há a possibilidade de que trabalhos comprovadamente realizados sem o uso de IA passem a ser mais valorizados e premiados, vistos quase como ‘iguarias’. Eu percebo isso quando publico uma ilustração nas minhas redes, sempre tem alguém comentando sobre o fato de ter sido feita sem IA”.

A artista afirma que essa valorização pontual não resolve o problema estrutural. “Acredito que essa percepção vai beneficiar poucos artistas, e não o mercado como um todo. Por isso, é extremamente necessário que haja uma regulamentação do uso de IA nas áreas de publicidade, design, artes e entretenimento”.

Nath afirma que essa valorização pontual não resolve o problema estrutural. “Acredito que essa percepção vai beneficiar poucos artistas, e não o mercado como um todo. Por isso, é extremamente necessário que haja uma regulamentação do uso de IA nas áreas de publicidade, design, artes e entretenimento”.

O avanço da inteligência artificial na arte não é apenas uma questão de técnica, mas também um desafio ético. A facilidade em gerar imagens levanta dilemas sobre plá-



NENHUMA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL SUBSTITUI A INTELIGÊNCIA ARTÍSTICA!

gio, autoria, reconhecimento e desvalorização profissional. Mas como podemos diferenciar o que é inspiração do que é apropriação?

Para a especialista em Direitos Empresariais e Direitos Digitais, Ana Carolina Paes de Melo, o futuro da arte não é a única coisa que está em jogo, mas também o sentido real da criação. “A IA pode gerar uma imagem perfeita, mas ela não sente, não erra, não decide. É o humano que dá intenção ao que cria”, afirma. A discussão está apenas começando, mas já revela um ponto em comum entre os artistas: a arte, mesmo em tempos de algoritmos, ainda é, e talvez sempre será, uma expressão profundamente humana. A IA pode aprender a pintar, escr

ever e até mesmo desenvolver a habilidade de transmitir emoções, mas ela ainda não aprendeu a en-

tender o porquê, a transmitir a sensibilidade, a história.

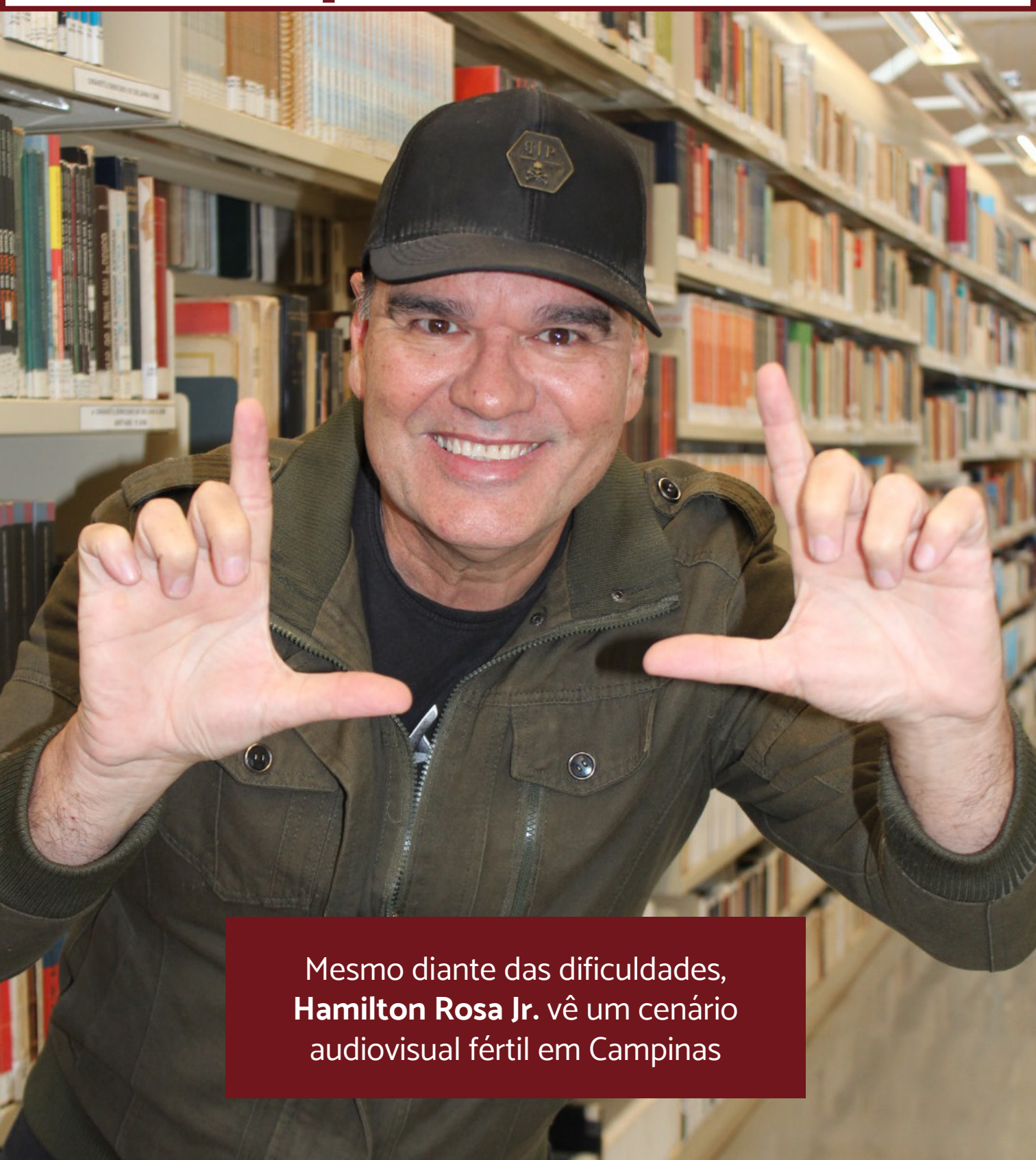
A discussão está apenas começando, mas já revela um ponto em comum entre os artistas: a arte, mesmo em tempos de algoritmos, ainda é, e talvez sempre será, uma expressão profundamente humana. A IA pode aprender a pintar, escrever e até mesmo desenvolver a habilidade de transmitir emoções, mas ela ainda não aprendeu a entender o porquê, a transmitir a sensibilidade, a história.

Enquanto artistas, consumidores e especialistas debatem ativamente sobre esses novos meios de criação, a arte segue sendo muito aclamada e, agora com uma nova parceira, a inteligência artificial. Assim, a relação entre o artista, o público e a tecnologia ganha mais um capítulo.

Na entrada da Escola de Artes Pandora, obra reafirma a defesa da arte como expressão humana em meio ao avanço das imagens geradas por inteligência artificial

CORTA!

CINEMA que PULSA fora DO EIXO



Mesmo diante das dificuldades,
Hamilton Rosa Jr. vê um cenário
audiovisual fértil em Campinas

**Reportagem**

Beatriz Stevanatto
Gabriela Moda

Fotos

Gabriela Moda

Redação

Beatriz Stevanatto

Entre cabos, editais e sonhos, realizadores campineiros transformam a falta de recursos em linguagem e resistência

O menino campineiro olhava para a própria câmera e para o próprio sonho com o mesmo medo de quem sabe o tamanho do passo que está prestes a dar. No bairro Flamboyant, onde morava quando começou no audiovisual, João Folharini transformava o pouco que tinha em set: um quarto que virava estúdio, um tripé improvisado com livros, amigos fazendo som e luz.

“O que falta é dinheiro, nunca vontade”, ele ri, ao lembrar das primeiras filmagens, quando o barulho dos vizinhos entrava nas cenas e o roteiro mudava conforme a sorte. Era tudo no limite do possível, e talvez por isso fosse tão vivo.

Hoje, o diretor e roteirista continua filmando como quem insiste em acreditar. Entre cabos, roteiros e chamadas de edital, segue tentando fazer cinema num terreno ainda árido para a cultura. E é desse improviso que nasce o cinema do interior: uma mistura de teimosia, paixão e resistência.

Campinas, com seus mais de um milhão de habitantes e um dos maiores PIBs do país, ainda trata a cultura como algo pouco

acessível e pouco valorizado. No mapa do audiovisual brasileiro, é um ponto de resistência.

“Campinas é uma cidade muito grande, com bastante dinheiro, mas, ao mesmo tempo, é muito conservadora e não investe em cultura de jeito nenhum”, conta João, diretor e roteirista à frente da Habitante Filmes, produtora independente que comanda ao lado do sócio, Raone. “Se compararmos o investimento daqui com o de cidades muito menores, com um décimo do tamanho, ainda ficamos atrás.”

A trajetória de João poderia se confundir com a de tantos outros realizadores que escolheram o interior como ponto de partida, ou talvez não tivessem escolha. Formado em publicidade, ele migrou para o audiovisual aos poucos, entre cursos livres, experimentos com a própria câmera e um impulso quase intuitivo de contar histórias. Seu primeiro curta, produzido de forma despreziosa, acabou circulando por festivais e abrindo portas para um caminho que até então parecia distante demais para ser real.

O incentivo à cultura no Brasil atravessa leis como a Rouanet, que permite que empresas e cidadãos invistam parte do imposto de renda em projetos culturais, incluindo produções audiovisuais. Em Campinas, os editais municipais, como os do Fundo de Investimentos Culturais (FICC), tentam abrir espaço para cineastas e produtores locais, mas a percepção deles é de que o interior paulista ainda não acompanha o ritmo e a escala dos grandes centros. Cada aprovação é uma pequena conquista; cada recurso liberado, uma vitória celebrada no improviso cotidiano do cinema fora do eixo, o mesmo improviso que marcou os primeiros passos de João.

Assim como ele, dezenas de realizadores espalhados pela cidade vivem a mesma equação: muito talento, pouca estrutura. Entre uma inscrição de edital e outra, o cinema campineiro segue se reinventando e é nesse ponto

que outras vozes começam a se somar à de João.

A espera, no entanto, não paralisa. Entre uma produção e outra, João escreve, desenvolve roteiros e participa de fóruns que buscam articular o audiovisual do interior paulista. Ele cita o ICINE, que reúne realizadores de várias cidades do estado, como exemplo de rede que sustenta o setor onde o poder público não chega.

“A troca entre profissionais de cidades diferentes é muito rica. Conseguimos ver o que funciona em um lugar, o que não funciona em outro, e adaptar ideias para nossa realidade”, explica.

É essa rede silenciosa que mantém o cinema do interior pulsando. A mesma força move a Atores Unidos, produtora campineira que nasceu do impulso de uma mãe ao ver as filhas tentando espaço no mercado audiovisual.

“Minhas filhas faziam novelas no SBT, e a gente via como era

Mercado audiovisual de Campinas resiste e cresce fora dos grandes centros, impulsionado por editais culturais





difícil crescer longe do eixo Rio-São Paulo. Então trouxemos um diretor para Campinas e criamos um curso de audiovisual”, conta o produtor. O projeto familiar virou produtora, com 17 filmes lançados em plataformas de streaming, todos feitos com recursos limitados e muita insistência.

“O cinema independente é cinema de guerrilha”, resume. “Às vezes chove no dia da externa e não há verba para remarcar. Então gravamos assim mesmo. Falta dinheiro, mas nunca vontade.”

Atores Unidos e Habitante Filmes compartilham o mesmo desafio: produzem com orçamentos curtos, mas com compromisso estético e afetivo que desafia a precariedade.

“Enquanto os grandes centros têm tudo à disposição, a gente precisa se reinventar o tempo todo. Isso faz a gente olhar diferente, contar diferente”, afirma o produtor.

Foi com esse olhar que nasceu o longa *De Volta ao Sítio*, gravado na Fazenda São Bernardo, em Rarard, o mesmo lugar onde Tarsila do Amaral criou o Abaporu. “A fazenda tem alma. É impossível filmar lá e não sentir a história vibrando no cenário. Nossas paisagens falam”, orgulha-se.

Apesar de avanços recentes, como os repasses das Leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo e a abertura de editais do FICC, o fôlego ainda é curto. “Falta continuidade. As políticas culturais aparecem e somem, e a gente fica tentando filmar entre um edital e outro. Cultura precisa de constância, não de milagre.”

E assim o cinema campineiro resiste: na teimosia, na paixão, na crença de que as histórias do interior também merecem tela grande. Um tripé improvisado, um roteiro no bolso e a certeza de que não é preciso estar no eixo para fazer o cinema girar.

Para
a Atores
Unidos,
o cinema
independente
no interior
sobrevive
à base de
improviso e
teimosia

E é justamente nessa ausência de estrutura que o sonho de fazer cinema esbarra na realidade. Entre formulários, prazos e incertezas, o processo de criação se mistura à burocracia.

Para o crítico de cinema Hamilton Rosa Jr., Campinas é um território fértil e, ao mesmo tempo, desigual. “Hoje temos cerca de 250 cineastas atuando na cidade e região, produzindo em média cem filmes por ano. É muita gente criando, em Barão Geraldo, no Jardim Oziel, em Sousas e Joaquim Egídio. O cinema do interior pulsa em muitos lugares que quase ninguém vê”, conta.

Ele fala com o brilho de quem acredita na força das pequenas histórias. “A pergunta é: onde esses filmes chegam? As pessoas estão produzindo, mas o público ainda não tem acesso. Campinas não tem salas voltadas ao cinema independente ou nacional, e isso cria uma distância que não é só física, é também simbólica. A cidade ainda não aprendeu a ver o próprio reflexo na tela.”

Hamilton enxerga no coletivo a chave para mudar esse quadro. “Quando trinta cineastas se unem e batem à porta da prefeitura, eles são ouvidos. A secretaria existe para servir à comunidade, mas é a comunidade que precisa se organizar para ser escutada. O cinema do interior só cresce se for feito de muitas vozes.”

A fala vem carregada de experiência e de afeto. Para ele, o maior obstáculo não é apenas o dinheiro, mas o cansaço de quem precisa aprender tudo, da escrita de um edital às planilhas de orçamento, só para ver a própria história sair do papel. “Quem consegue realizar um filme independente é, de certo modo, um herói”, diz, com a serenidade de quem já viu muitos desistirem pelo caminho.

Ainda assim, o tom nunca é de desânimo. “O melhor cinema é o

independente porque ele é livre. Pode não ter a perfeição técnica, mas tem algo que o dinheiro não compra: a verdade. E é nela que mora a beleza.”

Essa verdade, que nasce das ruas, dos sotaques e das urgências locais, é o que mantém o cinema campineiro respirando. Entre improvisos e esperas, o interior segue filmando como quem resiste, provando que ainda há muito a ser visto, mesmo fora dos holofotes.

“Aqui em Campinas, a gente enfrenta um problema que é tanto cultural quanto estrutural. Não temos cursos de cinema, nem espaços de exibição. Só existem salas de cinema em shoppings, e isso cria uma barreira enorme. As pessoas não têm o hábito de consumir cinema nacional ou independente. A cidade nunca formou esse público.” Fazer cinema, então, vira um exercício de resistência ou de teimosia.

João brinca que, entre mandar o projeto e ver o dinheiro cair na conta, passam meses de incerteza. “A gente só acredita quando o dinheiro entra”, diz, rindo. Os editais demoram, os pagamentos atrasam e a burocracia cansa. Às vezes, a vontade de fazer é o que mantém tudo de pé.

Para quem produz em Campinas, as políticas culturais ainda andam devagar. Mesmo assim, os filmes continuam nascendo, com improviso e persistência, mas sempre com o mesmo desejo de existir.

Entre o barulho do vento e o clique da câmera, há algo de manifesto nesse gesto simples: provar que o cinema também acontece aqui, enquanto houver alguém disposto a filmar, mesmo sem dinheiro, mesmo sem plateia, o interior continuará produzindo suas próprias histórias, do jeito mais brasileiro possível: com teimosia, afeto e fé no próximo take.



Clique

LIDE

CORES por Nus e Aura

Reportagem, Fotos

Página

Ana Carolina Moraes

Júlia

Lizandra



Nus, é educadora social e grafiteira. Aura, é multiartista em Campinas. Juntas compartilham da vontade de transformar realidades por meio da arte urbana

Nas ruas, o grafite é mais que cor no concreto, é presença e resistência. Quando essa arte se cruza com a trajetória de duas mulheres que a ele dedicaram a vida, surgem novas cores e contornos. Unidas pelo coletivo Mamilos Poéticos, Nus e Aura reafirmam o protagonismo feminino no hip-hop e mostram que grafite é, antes de tudo, existência e liberdade.

Vanusa Passos, a Nus, é educadora social e grafiteira. Com 27 anos na assistência social, usa o grafite para dialogar com adolescentes em vulnerabilidade e transformar arte em educação, integrando-o à rotina de trabalho em Campinas e região.

Aléxia Gabrielly, a Aura, é multiartista de Campinas. Começou na poesia, entrou no grafite aos 14 anos, passou por circo, teatro,

artesanato e artes visuais, consolidando-se como grafiteira, poeta e arte-educadora. Em 2020, atuou no Centro Cultural Ouvidor 63, promovendo oficinas e ações em periferias de São Paulo. Em abril de 2025, recebeu o Prêmio Mana Desaque do Mês da Batalha Estação da Rima, iniciou consultoria profissional e formação no curso Potência Hip-Hop. Levou sua arte do Brasil à Bolívia e hoje segue como arte-educadora e oficinaira, usando o grafite e as artes visuais para formar, incluir e inspirar.

Juntas, Nus e Aura seguem caminhos distintos e complementares: uma equilibra arte e emprego formal, a outra fez do grafite seu sustento, expressão e liberdade. Em ambas, a mesma vontade de transformar realidades por meio da arte urbana.

Reportagem

Ana Beatriz Morales
Júlia Sabatin
Lizandra Lima

Redação

Ana Beatriz Morales
Júlia Sabatin

Fotos

Ana Beatriz Morales
Júlia Sabatin
Lizandra Lima





NUS

VANUSA PASSOS - Educadora há 27 anos na assistência social, Nus encontrou no grafite uma forma de se conectar com adolescentes em situação de vulnerabilidade. Em abrigos e centros de convivência, ela usa a arte como ferramenta de aprendizado. “O grafite entra como uma ferramenta para eu trabalhar com esses jovens. Eu utilizo muito o grafite e o hip-hop nas ações que desenvolvo em vários lugares e vejo o grafite como grande potência educativa e transformadora”.

Integrante do coletivo Mamilos Poéticos, Nus atua ao lado de mulheres que transformam os muros de Campinas em espaços de expressão.

O grupo fortalece o protagonismo feminino na arte urbana e cria redes de apoio entre mães e artistas. “Quando a gente vai fazer um mural, leva coisas para as crianças, como lápis de cor e brinquedos, e vai se revezando no cuidado. É uma maneira de a mãe, muitas vezes mãe solo, conseguir fazer o painel dela tranquilamente, com a ajuda de outras mulheres”.

“Eu me achava muito velha para grafitar. Isso mudou quando participei de um encontro nacional de grafiteiras e conheci a Nenê Surreal, que na época tinha 40 anos. Aí eu pensei: se a Nenê está aqui na cena, então tem lugar para mim também”, conta Nus.



NUS





AURA

ALÉXIA GABRIELLY - Multiartista de Campinas, Aura iniciou sua trajetória aos 14 anos na arte de rua, depois de se expressar por meio da poesia. Ao longo do tempo, transitou pelo circo, artesanato, teatro e artes visuais, consolidando o grafite como sua principal ferramenta de criação e transformação social. Seu trabalho dialoga com crianças, adolescentes e grupos marginalizados da região de Campinas, levando arte para quem tem pouco acesso à cultura.

Em 2020, iniciou sua ocupação artística no Centro Cultural Ouvidor 63. Através de oficinas, circo social, artes visuais e grafite, promoveu e participou de diversas atividades nas ocupações e periferias de São Paulo.

Reconhecida como referência feminina na cena cultural de Campinas, Aura recebeu o Prêmio Mana Destaque do Mês pela Batalha Estação da Rima em abril de 2025. A conquista marcou uma nova fase em sua carreira, com consultoria profissional e formação no curso Potência Hip-Hop, ampliando seus conhecimentos e consolidando sua atuação artística.

Com uma trajetória que atravessa fronteiras, Aura levou sua arte pelas ruas do Brasil até a Bolívia, sempre com o objetivo de democratizar o acesso à cultura. Hoje, segue atuando como arte-educadora eicineira, usando o grafite e as artes visuais para transformar realidades e inspirar novas gerações.







RA





As portas traseiras do ônibus da linha 357, com destino à rodoviária de Campinas, não fechavam completamente. Havia o espaço de uma mão gorda que, por pensamentos intrusivos, poderia ser colocada ali a qualquer momento. Uma imagem corriqueira de um dia corriqueiro. Meus olhos saltavam de paisagem em paisagem e, lá no último banco à direita, eu me encontrava sentada, aguardando os 30 minutos restantes até que o transporte me desse liberdade. Seguiria caminhando por mais 10 minutos, arrastando os pés e abrindo a boca de minuto a minuto, como um indicativo do cansaço de uma sexta-feira que carregava consigo a segunda, a terça, a quarta e a quinta.

Meus olhos agora passavam por placas: Avenida Nossa Senhora de Fátima, Sorvetes Mix. Os churros estavam na promoção. Talvez eu marque algum fim de semana do próximo mês para comer churros. Os três fins de semana seguintes já estavam ocupados. Sentia meu estômago avisando que ainda não havia recebido nada que o aquecesse. Esse momento, para mim, era extremamente esperado: a hora em que me sentaria e apreciaria um café.

Olho no relógio: 7h35. Desço do ônibus e arrasto os pés pela Praça Carlos Gomes. Gosto de observar, mesmo que rapidamente, um grupo de mulheres idosas se alongando.

Não há um dia em que não estejam lá. Será que chegarei à velhice e poderei me exercitar na praça como elas?

Atravesso a Moraes Salles e aguardo meu terror matutino. Os ônibus, quase se derramando de pessoas em direção a Sousas, se aproximam. Linha 396, com destino ao Jardim Botânico. Entro, mas permaneço no primeiro degrau da escada. Não há como se mexer. Será preciso aguardar mais 10 pontos até que eu possa passar pelas catracas.

“Motô, o ponto!”, grita alguém do fundo.

“Tem que avisar, minha senhora. O sinal não funciona”, retruca ele.

“Faz semanas que isso tá assim e eles não arrumam”, comenta alguém que não sei quem. A voz sai da miscelânea de corpos. Não importa o quanto estejam espremidos, todos mantêm-se passivos, concentrados em seus celulares, com seus fones, em seus mundos.

Um arrancar brusco me impele em direção ao parabrisa. Minha mão instantaneamente se agarra a algo. Era o braço de um rapaz. “Perdão”, murmuro. “Desse jeito não

Falta muito para chegar?

vai chegar nunca”, comenta uma senhora. A velocidade é constante e devagar. Está frio, e isso é um alívio.

Em momentos de calor, o aperto torna tudo ainda mais angustiante. “Talvez você devesse descer”, ouço. Não é real. É o pensamento de todo dia: ela não tem forma, vem rápido e vai rápido. Penso que, se ganhasse voz, com timbre e força, me faria acordar, descer e dar um basta.

Eu me mantenho firme, não desço. Quilômetros são percorridos e pessoas vão descendo, outras entram e eu, que me encontrava na porta, já estou na catraca. Minutos parecem horas, e, ao olhar no celular, vejo que ainda restam 10 minutos para chegar. Então ele trava. Eu desço. Desci não por escolha própria, mas porque o ônibus quebrou. “Jesus, era só o que faltava, eu não vou chegar nunca”, ouço a frase sobressaindo a outras. Um conjunto de reclamações que não são de revolta, mas de exaustão. Até para a revolta é preciso não estar exausto. O cansaço dá força para lutar, mas a exaustão torna a luta inexistente.

Meus olhos se voltam ao restaurante do outro lado da rua: Le Troquet Restaurante. Sento no banco e fico pensando. Algo estranho começa a acontecer. Diante de mim, a Avenida Couto de Barros se estende, carros passando sem dar tréguas. Desço o meio-fio e agora meus calcanhares estão perpendiculares à saliência que separa a área segura da área perigosa. Estou de sandálias e consigo sentir a aspereza e o frio do concreto nos calcanhares. “Acho melhor não tentar atravessar agora, querida.” Olho e vejo uma mão enrugada e parda em meu ombro direito. Uma senhora de cabelos brancos e ralos. Me lembro de Albert Camus, que diz que é preciso mais coragem para viver do que para se matar. Retorno à área segura e aguardo outro ônibus da linha 396. “Me esforço demais e não consigo entender onde quero chegar”, penso. Vejo então um 398 na direção de Sosas. Penso que Deus teve piedade.

Este está tão cheio quanto, e vai ficar mais, pois os passageiros que estavam no ônibus que quebrou ainda precisam chegar ao trabalho. Começo a ficar angustiada. Apalpo o bolso da frente da mochila e retiro um terço de madeira. A cada Ave-Maria, as bolhinhas giram entre os dedos. O ônibus vai se esvaziando e meu coração vai pulsando mais lento e mais lento. Meu ponto chega e eu desço. O percurso possui mais 5 minutos andando. No caminho existe um ipê. Estava florido semana passada. As flores aguardaram o inverno inteiro até desabrocharem no mês da primavera, mas rapidamente já não estavam lá. E a rua estava com um lindo tapete rosa. Atravesso-o e chego, finalmente. Sinto que já vivi tudo em uma hora e meia de percurso. Deposito minha bolsa na sala e por fim sento à mesa onde o café ainda fuma. Não foi dessa vez, e suspiro aliviada pela quentura que ainda posso sentir.





Programa de Residência Multiprofissional em Saúde